



TEATRO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Privatleite. A história do Brasil. Possesiros e Fazendeiros. Trapulha. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Contraponto. Paga Zé. Como o fazendeiro sofre. Campo de guerra: a sala de aula. A apulha. A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. Por estes Santos Latifúndios. A luta do campo. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Exploração do trabalho. A Bundade do Patrão. Trap quando benedito foi acampar. A Farsa da Justiça Burguesa. Paga Zé. A luta do camponês contra o capeta. A história do Brasil. Contraponto. Possesiros e Fazendeiros. Bem na foto. Campo de guerra: o fazendeiro sofre. Privatleite. Por estes Santos Latifúndios. Exploração do trabalho. A Farsa de er da roça. A Bundade do Patrão. A história do Brasil. Alcapeta. Possesiros e Fazendeiros. Como o Paga Zé. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. De quando Benedito foi acampamento. Bem na foto. Possesiros e Fazendeiros. Exploração do trabalho. Por estes Santos Latifúndios. A história do Brasil. Campo de guerra: a sala de aula. Privatleite. A peleja do boi bumbá contra. Mulher da roça. Contraponto. A luta do camponês contra o agronegócio. Paga Zé. Bem na foto. Privatleite. A história do Brasil. Possesiros e Fazendeiros. Trapulha. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Contraponto. Paga Zé. Como o fazendeiro sofre. Campo de guerra: a sala de aula. A apulha. A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. Por estes Santos Latifúndios. A luta do campo. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Exploração do trabalho. A Bundade do Patrão. Trap quando benedito foi acampar. Paga Zé. **VOLUME 1 - TEATRO FÓRUM E AGITPROP** A luta do camponês contra o capeta. A história do Brasil. Contraponto. Possesiros e Fazendeiros. Bem na foto. Campo de guerra: o fazendeiro sofre. Privatleite. Paga Zé. **Caderno das Artes - Rede Cultural da Terra** A Farsa da roça. A Bundade do Patrão. A história do Brasil. Alcapeta. Possesiros e Fazendeiros. Como o Paga Zé. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. De quando Benedito foi acampamento. Bem na foto. Possesiros e Fazendeiros. Exploração do trabalho. Por estes Santos Latifúndios. A história do Brasil. Campo de guerra: a sala de aula. Privatleite. A peleja do boi bumbá contra. Mulher da roça. Contraponto. A luta do camponês contra o agronegócio. Paga Zé. Bem na foto.

Novembro, 2007

Teatro e transformação social

Vol. 1

Teatro Fórum e Agitprop

Expediente:

Centro de Formação e Pesquisa Contestado
Rua Dr. Rubens Meireles, 136 - Barra Funda
CEP: 01141-000 - São Paulo - SP
CNPJ: 78.497.211/0001-79
cultura@cepatec.org.br

Organização:

Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré

Revisão de texto:

Iná Camargo Costa

Capa:

Felipe Canova

Foto da capa:

Valter Campanato/ABr

Foto das orelhas:

Arquivo da Brigada Nacional Patativa do Assaré

Diagramação:

Fábio Carvalho

Legenda das fotos:

Capa: 4º etapa do teatro procissão sobre a história da luta pela terra contada pelo ponto de vista dos trabalhadores rurais, apresentada na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, no dia 17 de maio de 2005 no Congresso Nacional, em Brasília.

Fotos das peças, na sequência da orelha esquerda para a direita, de cima para baixo: A luta do camponês contra o agronegócio, elaboração de adereços em oficina com CTO, Posseiros e Fazendeiros, Morte aos brancos, Contradição do capitalismo, Intervenção Eldorado dos Carajás, A pelega de boi bumbá contra a águia imperiá, A farsa da justiça burguesa, laboratório de encenação com CTO, A história do Brasil, Paga Zé e Pinóquio.

Tiragem:

3.000 exemplares

O livro “Teatro e Transformação Social” é uma publicação do Centro de Formação e Pesquisa Contestado, por meio do convênio: CEPATEC/FNC/MINC/00463/2006.

SUMÁRIO

Prefácio

Ações contra-hegemônicas exemplares 5

Apresentação 9

Teatro e Reforma Agrária: A experiência

da Brigada Patativa do Assaré 12

Teatro Fórum

Privatleite 26

Direito de comer direito 36

Nem tudo que se planta colhe 48

Bem na foto 73

Campo de guerra: a sala de aula 79

Mulher da Roça 85

Agitprop

A peleja de boi bumbá contra a águia imperiá 94

A história do Brasil 105

A Bundade do Patrão 115

A luta do camponês contra o agronegócio 121

Referências bibliográficas 127

PREFÁCIO

Ações contra-hegemônicas exemplares

Iná Camargo Costa

A forma hegemônica de representação da realidade, tal como veiculada pela totalidade dos meios de comunicação e informação, ou indústria cultural, é pautada por alguns valores básicos. A propriedade privada dos meios de produção e a exploração do trabalho são seus fundamentos. E os valores são os seguintes: livre iniciativa (a que chamam liberdade), concorrência (de todos contra todos) e ação individual (cada um por si) na busca desenfreada de sucesso e celebridade. O sucesso se traduz na capacidade de consumo, igualmente desenfreado, e se confirma pela ostentação dos bens consumidos. Tal ostentação deve estimular a inveja e a vontade de emulação por parte dos demais que, acreditando na lenda, dão individualmente início a novo ciclo de iniciativa, competição, ação individual predatória, sucesso etc. Mas a propriedade privada dos meios de produção e a exploração do trabalho alheio nunca aparecem como o fundamento do espetáculo e assim, o “segredo do sucesso”, que depende delas, permanece guardado a sete chaves. Na falta desta informação básica, a grande massa dos consumidores da informação produzida pela indústria cultural compra a mentira de que bastam a autoconfiança, o esforço individual e os próprios méritos para se qualificar à corrida pelo sucesso.

Denunciar e desqualificar todo tipo de ação coletiva, tanto na vida quanto na produção cultural, é a tarefa política

essencial da indústria cultural. A mesma violência com que vidas são suprimidas em assassinatos de militantes dos movimentos sociais é exercida pela indústria cultural quando esta suprime o ponto de vista de todas as vítimas da prepotência dos proprietários dos meios de produção. Uma coisa não vai sem a outra: o cultivo dos valores hegemônicos depende do combate permanente aos valores do adversário de classe.

O combate à ideologia dominante, por isso mesmo, faz parte dos nossos processos de luta contra a dominação. Para além dos desenvolvidos nas lutas mais imediatas de enfrentamento do latifúndio e do agronegócio que se traduzem na força da organização, o MST já desenvolve há alguns anos a luta mais sistematizada na frente cultural. Este livro dá conta da experiência de luta na frente teatral, da organização das brigadas de teatro e das suas pautas específicas, escrevendo mais um capítulo da luta do MST na trincheira ideológica.

É uma seleção das peças encenadas pelas brigadas precedida de um breve relato analítico sobre suas pautas de luta e as condições em que elas foram produzidas. Por isso mesmo, boa parte delas mostra os meios de comunicação produzindo mentiras sobre o MST, apenas a versão do latifúndio sobre os enfrentamentos e a justiça como arma adicional da dominação de classe. Outras mostram a escola pública como lugar de transmissão de mentiras de todos os tipos e, pior, como um lugar onde se praticam vários tipos de discriminação, a começar por aquele de que são vítimas as crianças do MST, as sem-terrinha. Tratam ainda da persistência da incompreensão do papel da mulher e do exame crítico das relações de poder no próprio interior do movimento, do papel do imperialismo nos países latinoamericanos e das variadas táticas, todas violentas, do latifúndio e do agronegócio na luta encarniçada por seus próprios interesses. Isto para dar apenas uma visão

panorâmica. E como todas são intervenções artísticas de caráter político em momentos e em formas específicas das lutas travadas nos últimos anos, suas formas são muito variadas, tendo sido agrupadas sob três conceitos (teatro fórum, teatro épico e agitprop) apenas para dar notícia da evolução dos processos.

Compreendendo o papel devastador da cultura hegemônica, os militantes do MST entenderam que o seu combate exigia a construção de suas próprias formas de representação estético-política da experiência social e a invenção de suas próprias formas de ação cultural contra-hegemônica. Mas já sabia que não seria necessário inventar a roda: para a sua ação, levou a efeito uma bela colheita de exemplos na história das lutas sociais locais e mundiais iniciadas oficialmente em 1848 (quando pela primeira vez, em Paris, os trabalhadores enfrentaram a burguesia de armas na mão e construíram barricadas para se defender dos canhões). É por isso que estes textos reaproveitam a experiência brasileira do Teatro de Arena, do CPC, e do MCP e a internacional, começando pela latinoamericana e culminando com a reelaboração de peças de Brecht, considerado o maior dramaturgo do século XX justamente por sua atuação radical no teatro, na política e na teoria.

Para além de servir ao objetivo de dar continuidade à formação de brigadas teatrais, este livro tem um outro alcance. Como o movimento já começou a estabelecer conexões com diferentes coletivos de luta social e cultural em centros urbanos, além de apresentar materiais com que discutir suas diversas pautas, ele é um desmentido concreto a todos os vetos da cultura dominante, entre os quais o de que não se pode tratar diretamente de questões políticas, ou o de que não é possível escrever e encenar uma peça interessante sem ação dramática e indivíduos bem caracterizados.

Finalmente, vale a pena destacar pelo menos um dentre os inúmeros feitos artísticos documentados pelo livro, que se encontra na peça *Alcapeta*. Ela realiza uma das mais difíceis propostas de Brecht (refuncionalização de clichês) pela simples operação de colocar o olhar do MST sobre um dos mais antigos preconceitos da dramaturgia brasileira (e mundial, pois já existia no teatro grego). Trata-se da figura do caipira, ou do rústico (na catalogação dos gregos), vítima das pretensões de superioridade dos citadinos, desde sempre apresentado como mentalmente inferior e por isso incapaz de falar corretamente ou de entender as convenções da vida supostamente sofisticada nas cidades. Pois bem, a peça referida apresenta um tipo que, por falar a língua caipira e ter uma inteligência e um senso de humor raros, cria uma série prodigiosa de piadas em diálogo com um jovem que participa do combate à ALCA. Ao final da conversa, em meio a risos que vão do sorriso à gargalhada, ficamos sabendo do preço que pagaremos se essa malfadada iniciativa do imperialismo americano prosperar. Mas este é o objetivo da peça (plano do conteúdo). Seu feito formal foi, ao refuncionalizar o clichê do caipira, mostrar objetivamente a diferença entre rir *de* alguém e rir *com* alguém. No primeiro caso, o riso é violência e demonstração da pretensão de superioridade de quem ri; no segundo, caso desta peça, é a rara experiência da igualdade social no reconhecimento da inteligência do piadista, capaz de rir até de si mesmo. E isto sem falar na ampliação dos recursos da língua, disponibilizada pelo reconhecimento dos direitos estéticos do falar caipira. Não é todo dia que isso acontece!

Este é apenas um exemplo de tudo o que se pode aprender e conquistar em termos de experiência que sempre é ao mesmo tempo estética e política. Cada peça do livro tem pelo menos mais um.

APRESENTAÇÃO

Quando escutamos que o projeto de Reforma Agrária defendido pelo MST é radical, há duas possibilidades de interpretação distintas para a afirmação. A interpretação corrente na grande imprensa adota a linha depreciativa, associando a palavra “radical” a extremismo político, de caráter inconseqüente e desordeiro. A outra perspectiva é a que se faz fiel ao sentido semântico da palavra “radical”, como um projeto de Reforma Agrária que se propõe ir à raiz do problema, questionando os pilares de estruturação do sistema agrário do país, de caráter monopolista e monocultor destinado à exportação, de forte traço autoritário e superexplorador no que concerne às relações de trabalho.

O MST compreende que a luta pela Reforma Agrária não se resume à conquista da terra para que nela os camponeses possam plantar. Atualmente a Reforma Agrária se tornou mais complexa com a forte presença dos capitais estrangeiros, das transnacionais e grandes grupos econômicos que controlam a agricultura brasileira. A concepção clássica da Reforma Agrária como um meio de desenvolvimento do mercado interno através da democratização do acesso à terra não corresponde às formas atuais de acumulação capitalista. O centro da acumulação se transferiu para o mercado financeiro e o capital internacional. É a aliança entre o capital financeiro e a monocultura monopolista para exportação a lógica econômica e política da agricultura brasileira.

Entendemos que não há perspectiva emancipatória com a manutenção do sistema regido pelas leis do capital.

Ao assumirmos a radicalidade do projeto de Reforma Agrária, assumimos a perspectiva anti-sistêmica. Estamos falando de um projeto que priorize a descentralização da propriedade privada e viabilize um novo modelo de produção e sociedade. Um projeto de Reforma Agrária que reestruture a totalidade da produção da vida social, o que implica novos valores, novos significados e o enfrentamento à hegemonia do capital. Hegemonia esta que configura-se pela propriedade dos meios de produção, pelo controle do Estado e pelo monopólio dos meios de comunicação.

Com o controle das elites econômicas sobre os meios de produção da televisão, do cinema, do rádio, de jornais e revistas, há a produção da legitimação de um imaginário e de uma idéia de realidade que suprime o ponto de vista das classes populares. Com o discurso único das elites ocorre um complexo processo de naturalização da barbárie, das desigualdades sociais estabelecidas e das relações políticas (ou de poder).

Contra o monopólio dos meios de representação da “realidade”, um projeto de transformação precisa se contrapor com técnicas e linguagens capazes de colocar em xeque as formas de dominação, gerar alternativas coletivas, apontar caminhos para outras formas de organização social. Para a efetivação de um projeto de Reforma Agrária de cunho socialista seria preciso assumir a batalha também no front da cultura, qualificando militantes técnica e politicamente para iniciar um processo de construção coletiva de um imaginário descolonizado e livre dos valores mercantis.

Conscientes de que a efetivação de um projeto de Reforma Agrária radical implica a socialização da terra e a construção de uma nova forma de sociedade, e que isso não

se realizará sem a eliminação dos latifúndios da comunicação, da educação e da cultura, é que se constituiu o Coletivo de Cultura do MST e a *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*.

Neste livro, apresentamos a história da formação da *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*. São reelaborações e sínteses da produção teórica e uma seleção das peças produzidas até o momento. Apresentaremos os processos de formação coletiva pelo qual passou a Brigada, tendo como pressuposto a socialização dos meios de produção teatral. Uma vez constituídos os primeiros grupos, a percepção efetiva de que a produção cultural pode assumir formas de intervenção política nos levou a orientar nossas produções neste sentido: de confronto na luta de classes. Complementa os pressupostos das experiências da Brigada a compreensão de que o potencial político de nossa intervenção artístico-cultural depende da apropriação das formas críticas de representação da realidade.

Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré

Teatro e Reforma Agrária:

A experiência da Brigada Patativa do Assaré

Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize, à sua maneira e para os seus fins.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

1 - Histórico da Brigada Patativa do Assaré

A *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré* nasceu em junho de 2001, no Rio de Janeiro, durante a realização da segunda etapa nacional de formação de curingas com Augusto Boal e o Centro do Teatro do Oprimido - CTO. A parceria estabelecida entre o MST e o CTO previa o treinamento de uma turma de militantes de vários setores e estados nas técnicas do Teatro do Oprimido para que estes pudessem ministrar oficinas e formar grupos nos acampamentos, assentamentos e encontros do Movimento em todo o país. As três primeiras etapas de formação com o CTO aconteceram durante o ano de 2001, nos meses de fevereiro, junho e novembro e a quarta etapa ocorreu em novembro de 2002.

Estas primeiras etapas da *Brigada* foram acompanhadas de oficinas regionais, estaduais e de grandes regiões, em cursos, encontros e seminários. Vários grupos se formaram

neste período: Ocuparte (ES), Mário Lago (SP), Velho Chico (SE), Utopia (MS), Águias da Fronteira (MS), Raízes Camponesas (MS), Mensageiros da Cultura (MS), Frutos da Terra (MS), Lamarca da Cultura (MS), Filhos da Cultura (MS), Zumbuzeiro (SE), Mandacaru (SE), Quixabeira (SE), Grupo do Pré-assentamento Gabriela Monteiro (DF), Grupo do assentamento Florestan Fernandes (DF), Filhos da Mãe... Terra (SP), Arte Camponesa (RO), Força da Terra (RJ) e Peça pro povo (RS).

Na experiência dos trabalhos realizados com estes grupos nesta primeira fase da *Brigada*, caracterizada principalmente pelas técnicas do Teatro Fórum, nos defrontamos com dificuldades de abordagem de determinados temas e assuntos. Com o desenvolvimento do nosso processo de formação, e constatadas estas dificuldades iniciais, passamos a estudar outras formas teatrais. Em fevereiro de 2004, em pleno carnaval carioca, iniciamos nossos estudos de teatro épico, sobre formas e teoria dos gêneros com Iná Camargo Costa. Em junho de 2004, com o objetivo de conhecer e se apropriar dos procedimentos do teatro épico, foi realizada em Brasília uma oficina coordenada pelo grupo paulista Teatro de Narradores e organizada pelo grupo candango O avesso da Máscara, com participantes do MST do DF/Entorno e do Mato Grosso do Sul. Em outubro de 2004 foi realizada oficina complementar com os 7 grupos do MS.

Em fevereiro de 2005, após a quinta etapa de formação da *Brigada Nacional do MST* com o CTO, em que foram aprofundados os estudos de técnicas que já vinham sendo trabalhadas, como Teatro Jornal, Teatro Invisível e o Teatro Épico, a *Brigada Patativa do Assaré* organizou as oficinas de grande região para a preparação do Teatro Procissão. Na oficina da região sul foi formado o Coletivo

SaciSul de Teatro, que contou com a colaboração do grupo Ói Nóiz Aqui Traveiz (RS). Logo depois, no Paraná, seria formado o coletivo estadual Galha Azul. Na oficina da região sudeste a contribuição foi da Companhia do Latão (SP) e do Teatro de Narradores (SP). A região centro-oeste contou com a contribuição de Tâmara, do grupo estadunidense *Art and Revolucion*.

2- A construção de um sistema de produção teatral

O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

Norteados pela reflexão de Antonio Candido, que se refere à lógica da produção artística como um sistema ancorado nos vetores autor, obra e público, notamos que no decorrer desses sete anos de atuação da *Brigada Patativa do Assaré* começou-se a esboçar uma espécie de sistema interno no MST, em que grupos produzem peças que circulam no Movimento e também fora dele. Em encontros nacionais e regionais esses grupos apresentam-se e trocam experiências, e depois, nos acampamentos e assentamentos, outros grupos passam a montar as peças que viram e leram. Na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, ocorrida em maio de 2005, com mais de doze mil marchantes, a peça *A Bundade do patrão* foi apresentada pelo coletivo Peça pro Povo (RS), pela Brigada Estadual de Cultura Filhos da Terra (MS) e pela Brigada de Agitprop do Gabriela Monteiro (DF). Também na marcha, a peça *Exploração do Trabalho* foi apresentada por cinco elencos, e outros dois elencos

apresentaram uma adaptação da mesma peça intitulada *Como fazendeiro sofre*.

A apropriação da tradição teatral também faz parte dos trabalhos realizados. O grupo Filhos da Mãe... Terra montou uma adaptação da peça *Horácios e Curiácios*, intitulada *Posseiros e Fazendeiros*, e o grupo do Gabriela Monteiro, trabalhando com a estrutura da fábula de *O círculo de giz caucasiano*, ambas de Brecht, elaborou a peça *Trapulha*. A peça *Paga Zé*, é uma adaptação de *Não tem imperialismo no Brasil*, de Augusto Boal e *Por estes santos latifúndios* é uma adaptação de Guillermo Maldonado Perez, dramaturgo colombiano premiado com esta peça pela Casa das Américas, de Cuba.

Os locais de apresentação das peças são principalmente encontros, reuniões, seminários, marchas, plebiscitos, campanhas, além dos acampamentos e assentamentos. Durante a Marcha Nacional de 2005, fazíamos apresentações diárias e realizamos a apresentação do Teatro Procissão, com 270 militantes, contando a História da Luta pela Terra no Brasil. No V Congresso Nacional, realizado em 2007, com 17 mil pessoas, também ocorreram apresentações diárias. As escolas e centros de formação são outros locais de freqüente apresentação dos grupos. As brigadas de agitação e propaganda fazem intervenções freqüentes em escolas, praças, ruas, pontos de ônibus, etc.

Em espaços externos ao Movimento, elencos da *Brigada Nacional Patativa do Assaré*, ou grupos estaduais do MST a ela ligados, se apresentaram no II, III e V Fórum Social Mundial, no TEIA – Encontro Nacional dos Pontos de Cultura, realizado na Bienal de São Paulo, em 2006, e na II Mostra Latino-americana de Teatro de Grupo de 2007.

3 - Hegemonia e luta política: a disputa por um novo projeto de sociedade

Todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

Ao analisar o conceito gramsciano de hegemonia, Raymond Williams sugere que este incorpora os conceitos de cultura, entendida como todo um processo social, e de ideologia, como um sistema de significado de valores que expressa ou projeta um determinado interesse de classe. Há um processo de construção de hegemonia, de construção de visão de mundo, de um projeto de civilização que ocorre no cotidiano antagônico da luta de classes. A luta pela transformação da sociedade exige também mecanismos de transformação ideológica.

A organização da *Brigada Patativa do Assaré*, sua metodologia de produção coletiva, os processos de circulação e distribuição da produção com alcance nacional, acompanhados de sistemáticos e contínuos processos de formação, proporcionaram à Brigada um efetivo poder de enfrentamento no campo ideológico, dos projetos de sociedade em disputa na luta de classes. Essa prática tem seu potencial político ampliado ainda mais quando estabelece ações com o conjunto da organização e de outros movimentos sociais.

Nesta coletânea de peças encontramos produções deste caráter. São peças como *Alcapeta*, que foram

apresentadas em dezenas de escolas nas campanhas contra os tratados da ALCA e de Livre Comércio. Estas apresentações e outras intervenções culturais dos mais de 300 militantes do setor de cultura do MS provocaram o desconforto dos poderosos, e algumas câmaras legislativas municipais tentaram formular leis impedindo a apresentação dos grupos do MST em escolas. Na preparação da Marcha Nacional, em 2005, uma Brigada de agitprop tinha em seu repertório a apresentação da peça *A luta do camponês contra o agronegócio*, realizada em escolas, igrejas e reuniões de bairros. O grupo Tampa de Panela (SC), fez uma adaptação de *Mulher da Roça* abordando as conseqüências da produção de fumo que algumas famílias assentadas vinham implantando na região. A peça *Trapulha* serviu de ponto de partida para discussão e resolução de problemas de concentração de poder no acampamento. Na campanha presidencial de 2006, brigadas de agitprop do MST e outros movimentos sociais fizeram constantes intervenções explicitando as diferenças entre os projetos da esquerda e da direita para o país.

Além destas apresentações em campanhas e jornadas de lutas específicas, há um constante desenvolvimento de atividades teatrais em conjunto com os demais setores e cursos do Movimento. São realizadas avaliações em cursos com metodologias do Teatro do Oprimido, como o Teatro Imagem, além de apresentações de temas específicos e do programa estratégico das organizações sociais. Peças como *Campo de guerra: a sala de aula*, abordando discriminação e preconceito sofridos por estudantes sem terra, foram apresentadas na ciranda infantil da Marcha Nacional. Experiências com o conjunto das peças didáticas do dramaturgo alemão Bertolt Brecht vêm sendo realizadas em cursos de formação de militantes e nas escolas de formação.

4 - As formas da luta de classes: sedimentação social da forma

*O teatro pode ser uma arma de libertação.
Para isso é necessário criar as formas
teatrais correspondentes.*

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

As tradições críticas da produção cultural e artística, principalmente as de orientação materialista e dialética que configuram o marxismo, estabelecem as relações entre a forma e o conteúdo como históricas. Contraditoriamente, em cada período histórico, os projetos de classe em disputa constituíram um modo específico de representação artística e da forma de ver o mundo. Os jeitos de contar uma história, de imaginar o novo, de representar e selecionar os valores, os assuntos, todos os aspectos da produção estética, influenciam na forma final da intervenção que será socializada. A concepção mais radical destas interpretações formula que o conteúdo mesmo, o conteúdo social de uma obra, encontra-se na sua forma.

No decorrer da formação da *Brigada Patativa do Assaré* percebemos isto na prática. Nos defrontamos com a dificuldade de tratar temas históricos e de dimensões sociais amplas com formas inadequadas. A tradição formal que se estabeleceu nos meios de comunicação de massa, que configurou um padrão hegemônico de representação, é a chamada forma dramática, que se estrutura pelo conflito de vontades individuais, que se realiza no presente absoluto pelo chamado diálogo dramático. Esta forma, de larga

influência nas maneiras de representar, coloca sérios problemas para o tratamento de temas como Reforma Agrária, imperialismo, luta de classes, temas que não têm na figura individual de uma personalidade, no conflito dramático de um único sujeito sua mais objetiva forma de representação. Isto porque estes processos se referem a interesses de classe, a estruturas sócio-econômicas em constante e contraditória inter-relação.

Se é a forma a real portadora do conteúdo de uma intervenção estética, uma vez socializados os meios de produção cultural, o potencial de enfrentamento político pode ser anulado se utilizarmos formas equivocadas, as formas hegemônicas, e corremos o risco de solidificarmos ainda mais os valores e significados que queremos combater.

Os programas de formação da Brigada Patativa do Assaré abordaram este assunto de forma sistemática e continuada, tanto nos cursos da Brigada quanto nos outros cursos realizados pelo Coletivo de Cultura e pelo Setor de Comunicação do MST. Tendo estes pressupostos teóricos, produzidos em inseparável relação com a nossa prática, nesta coletânea organizamos nossas peças por formas específicas. Dividimos em 3 grupos: Teatro Fórum, Teatro Épico e Agitação e Propaganda. Cada uma destas três formas possui características específicas, embora estas mesmas características não estejam totalmente ausentes das outras formas. Mesmo havendo traços semelhantes em cada uma das formas, há especificidades que orientaram a produção de cada forma, tendo em vista principalmente o objetivo – político – que se propõem. Apresentamos abaixo, de forma muito resumida, os principais traços de cada uma das três formas.

4.1 - Teatro Fórum

A principal característica desta forma é a quebra dos limites entre palco e platéia, entre atores e o público, por meio da possibilidade dos espectadores entrarem em cena no lugar dos personagens que eles julgam oprimidos. A estrutura de uma peça de Teatro Fórum constitui-se na configuração clara de uma situação de opressão. A apresentação serve para iniciar o debate com a platéia sobre a situação de opressão apresentada. Os próprios espectadores, dando sua opinião sobre a situação, entram em cena para interpretar o personagem oprimido e agem sugerindo estratégias para a solução dos problemas de opressão enfrentados. Boal os chama de espect-atores. Esta técnica, desenvolvida por Augusto Boal durante os anos 1970, após participação intensa nas lutas sociais durante a década de 1960, é a mais radical na socialização dos meios de produção teatral, pois rompe completamente a barreira entre palco e platéia. Foi esta metodologia centrada na socialização que proporcionou a formação de grande número de grupos no MST.

4.2 - Teatro Épico

Com a socialização dos meios de produção teatral, as dificuldades técnicas começaram a se impor. A solução estética de problemas políticos demandou o conhecimento de outros procedimentos da técnica teatral. Estas dificuldades apareceram ao tentar dar forma a processos amplos, como a análise comparativa entre os padrões dos modos de produção agrícola da elite em diferentes contextos

históricos, das *plantations* ao agronegócio, passando pela Revolução Verde, entre outros ciclos de modernização conservadora do país. Ou seja, para além das determinações do indivíduo, os temas épicos exigem a compreensão e correspondente formalização estética da engrenagem que articula a infra-estrutura com a superestrutura, e o entendimento da dinâmica de tensão permanente de confronto da luta de classes.

A crítica aos projetos de livre comércio, como a Alca, proposta pelos EUA para os demais países do continente americano, não tem como ser realizada nos termos das convenções dramáticas da linguagem teatral, já que o problema não se configura como um problema da ordem dos indivíduos, por meio do diálogo, numa sucessão de acontecimentos no tempo presente.

Foi para suprir estas demandas que iniciamos nossos estudos nas teorias do teatro épico, orientados principalmente pela professora Iná Camargo Costa. A principal característica do teatro épico é que os intérpretes assumem a postura de narradores dos processos apresentados. Várias são as técnicas utilizadas para isso, como os coros, as canções, as narrativas, formas específicas de interpretação, etc. Estas técnicas têm como objetivo fazer com que o espectador não se deixe absolver pela história representada, como se ela fosse natural, mas, pelos procedimentos do chamado distanciamento, o espectador teria que estranhar os processos representados em cena, ou desnaturalizá-los. As relações entre diversos setores sociais, entre interesses econômicos, disputas políticas, devem ser organizadas e representadas de forma dialética, devem ser apresentadas em suas variadas inter-relações e contradições, visando uma compreensão mais abrangente dos processos sociais do desenvolvimento da luta de classes.

4.3 - Agitação e propaganda – Agitprop

A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos sociais. A expressão foi criada pelos revolucionários russos para designar as diversas formas de fazer agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos da revolução.

A agitação e propaganda tem uma larga tradição nas lutas sociais desenvolvidas desde a revolução soviética. As experiências desenvolvidas na Alemanha, na França, nos Estados Unidos e no Brasil na década de 1960, aqui realizadas principalmente pelos Centros de Populares de Cultura (CPC) e Movimento de Cultura Popular (MCP), constituem grande repertório de formas, como o teatro jornal, o teatro invisível, intervenções de música, artes plásticas, cinema, pixações, etc. Cada movimento e organização produziu seus métodos e formas, servindo-se de toda referência que tivessem, de acordo com as demandas apresentadas em cada contexto histórico. As intervenções de agitprop têm um grande poder de intervenção direta, de agitação dos trabalhadores para o confronto dos projetos de classe apresentados como hegemônicos e a propaganda de um projeto popular.

As experiências de teatro político organizadas pelo CPC e pelo MCP foram abruptamente interrompidas pela força das armas, com o golpe militar de 1964. Não duraram mais que cinco anos e, nesse curto período de vida, marcaram definitivamente a vida cultural e política do país, pois apontaram o caminho da possibilidade das classes

populares construir suas próprias formas de representação política e estética.

O trauma da interrupção da experiência acumulada naqueles anos define os contornos da precariedade com que a retomada da produção teatral do MST se estabelece: a privação do legado dramatúrgico daqueles que lutaram antes de nós retarda o processo de recomeço, pois em alguns pontos não temos a trilha do aprendizado com os impasses anteriores, por isso temos que amadurecer aprendendo com nossos próprios erros, talvez menos correntes se o percurso da acumulação e continuidade histórica não tivesse sofrido o entrave de mais de duas décadas de ditadura militar.

Contudo, podemos afirmar de modo sintético que o seguinte conjunto de fatores dá sustentação e pode propulsionar as experiências das brigadas no momento contemporâneo:

- a inserção orgânica da iniciativa como parte da estratégia de formação política e massificação de um movimento social de abrangência nacional;

- a complexa estrutura organizativa do MST e do processo de formação, por meio da lógica setorial, permite que a linguagem teatral se desenvolva de forma plural, de acordo com as diversas funções que ela desempenha;

- o crescente processo colaborativo com grupos de teatro político do meio urbano, como aqueles ligados à Redemoinho.

O MST existe há vinte e três anos e a experiência sistemática com teatro político existe há sete anos. Se não formos surpreendidos pela violenta ação repressora da elite, tudo indica que o aumento qualitativo e quantitativo dos

trabalhos é um passo sem volta, pois em pouco tempo as brigadas de teatro têm incorporado em seus coletivos o trabalho integrado com outras linguagens artísticas e com isso tem passado a funcionar como brigadas de cultura, e em paralelo, outras frentes de atuação da Cultura e Comunicação têm avançado muito em pouco tempo, como é o caso da recente e promissora formação da Brigada de Audiovisual da Via Campesina, e do processo de formação de brigadas de agitação e propaganda em capitais estaduais, com militantes de organizações do campo e da cidade.

Desejamos a todos e todas um bom estudo. Que as peças aqui reunidas possam incentivar a produção teatral da classe trabalhadora e que o projeto radical de Reforma Agrária pelo qual lutamos possa ser defendido e implementado também com o teatro como arma a serviço dos explorados e oprimidos na luta de classes.

TEATRO FÓRUM

Privatleite

Peça construída coletivamente pela Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, durante a segunda etapa de formação de curingas do MST com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), com direção de Augusto Boal, em junho de 2001, no Rio de Janeiro.

Personagens:

Geraldo

Vaca Mimosa

Dona Fulgência

“Dona” (zeladora do banheiro)

Madame

Guarda

Delegado

Os atores entram e se apresentam, logo em seguida cantam a música “Encantos da natureza”, e ao final da música imitam bichos variados. Seu Geraldo entra se espreguiçando; em seguida pega a enxada, bate a cunha, e diz:

GERALDO

Ê dia! Nesse calorão a enxada tá sempre desacunhando, mas vou deixar isso pra lá, depois é que vou carpi mesmo... (*Calça a bota, pega o banquinho, o balde e vai para o curral. Lá chegando, ele começa a conversar com sua vaca mimosa*). – Ê mimosa, isso que é vaca de valor, pra dar leite bastante só com música, e boa, da roça! Vou cantar pro cê! (*canta a música “Vaca estrela e boi fubá”*).) – Outro dia tava tocando uma música muito atravessada e a mimosa quase arreventou o balde e o leite ficou pouquinho, lembra mimosa? (*Entram um ator e uma atriz cantando “Um tapinha não dói”, Mimosa se irrita e começa a pular*) – Nossa, minha vaquinha! Era só uma lembrança, vou cantar outra música pro cê dá mais leite, escute. (*música “Tristeza do Jeca”. Em seguida ele termina de tirar o leite e vai para a cidade. Na estrada ele começa a pensar*) – Mimosa deu muito leite! Isso que é vaca boa! Com dez vacas dessa eu comprava um carro... (*Entra um ator dirigindo em alta velocidade um carro de papelão e passa bem perto de Geraldo, quase atropelando-o. Geraldo fica admirando o carro*). – Com um carro, eu vendia leite nas outras cidades daqui perto e de mais longe; vendendo leite nas outras cidades eu comprava um caminhão... com um caminhão... (*Entram dois atores fazendo uma cadeirinha com os braços, e fazendo barulho de caminhão, enquanto Geraldo pena no caminhão eles o suspendem e Geraldo faz um gesto como se estivesse dirigindo o caminhão. Quando os atores descem Geraldo, ele já chegou na cidade, com seu garrafão de leite. Ele vai fazer a entrega do leite na lanchonete de Dona Fulgência*) – Ô Dona Fulgência, tudo bem?

D. FULGÊNCIA

Oi seu Geraldo, que bom que o senhor já chegou! Fique à vontade!

GERALDO

É Dona Fulgência a coisa aqui tá boa, isto tudo aqui era um empório e agora até parece um restaurante!

D. FULGÊNCIA

Que nada seu Geraldo! Negócio é que eu trabalho, eu trabalho! Eu trabalho! Os outros, não sei não!

GERALDO

Lá na roça nós trabalha e não passa de 10 litros de leite, mas vamos largar esta conversa pra lá e me dá um copo de leite com café, porque saí de casa e não tomei nada. (*Fulgência serve o leite industrializado*) – Cumé que tá mudando o tempo, o leite já vem encaixado! Bota do leite de Mimosa, leite bom, leite puro!

D. FULGÊNCIA

Ah! Seu Geraldo, de jeito nenhum! Se a fiscalização me pegar servindo o leite *in natura*, eu corro o risco de ser processada, ser presa e perder tudo!

GERALDO

Mas esse leite é bom? Parece que é aguado!

D. FULGÊNCIA

Esse leite é de puríssima qualidade! Passa por um processo de industrialização em que já sai desnatado, vitaminado, especializado, já no jeito de beber. Inclusive tem um dele que serve até de remédio para o coração o “Ômega 3”. O senhor precisa se adequar a essas novas medidas. E a

Parmalaite propõe aos produtores de leite grandes chances de mudança de vida, oferecendo melhoramentos genéticos, por exemplo, comprando ordenhadeira, capim especial pro gado, resfriadores... E se o senhor não se enquadrar neste pacote de produção correrá o risco de ficar sem conseguir entregar seu leite.

GERALDO

Com essa prosa a senhora agora vai me dizer que o leite abaixou o preço?!

D. FULGÊNCIA

Vejam! Seu Geraldo se faz de bobo pra viver! É claro que o leite abaixou o preço e eu só posso pagar o que todos pagam por aí, R\$ 0, 09. Somente eu que estava pagando R\$ 0,15.

GERALDO

R\$ 0,09! Dona Fulgência?! Aí não dá, pelo amor de Deus! O que eu compro com este dinheiro, não dá pra comprar nem uma quarta de café. Esse meu leite é um leite puro demais, tá com toda gordura, nata, e faço manteiga, queijo, requeijão! E não é este leite aguçado que a senhora serve não!

D. FULGÊNCIA

Olha Seu Geraldo eu só fico com o leite do senhor pela nossa amizade. Corro até risco de comprar leite *in natura*! Acho melhor o senhor vender por R\$ 0,09 do que ficar sem vender de jeito nenhum. Esse é o preço da praça e pronto! Estamos conversados!

GERALDO (*pensando alto*)

Pessoa boa é Dona Fulgência. Até penso que ela está me passando para trás... Será que o leite está tão baixo mesmo? Ái, meu Deus !!! Mal eu saí de lá fiquei com uma vontade de mijar! E o pior é que não vejo nem um lugar! Se fosse na roça já

tinha mijado! (*Chega na rodoviária e se aproxima da porta dos banheiros*) – Ué !!! Dona esse lugar é um vertedouro de água ?

DONA (*arrogante*)

Não senhor, isto aqui é um to-a-le-te.

GERALDO

Toa, Toa, o que dona?!!!

DONA

Toaleta, banheiro, sanitário! Você nunca entrou em um banheiro?! Esse povo do interior, meu Deus! Que gatinha burra!

GERALDO

Essa placa ai tá dizendo que pra mijar tem que pagar?! Não tô acreditando! O preço é R\$ 0,90?!

DONA

Isso mesmo! R\$ 0,90 e só entra se pagar!

GERALDO

Esse preço dá 10 litros de leite de minha Mimosa, que acabei de receber ali na lanchonete!

DONA

Olha, eu não estou nem ai para o problema de seu leite, e muito menos com sua vaca. Se eu gostasse desse cheiro de roça e de bichos, morava lá e não na cidade! Lá só tem bosta de vaca, aqui só tem cocô de cachorro *pitbul*, pastor alemão, tudo que tem de melhor.

GERALDO

Então fica com seu preço e seu mictório caro e seu toa, toa, toa, não sei o que!

DONA

E fico mesmo! Aqui só entra quem tem dinheiro, quem não tem não entra!! Não precisa nem mijar, mas tendo dinheiro entra, faço o maior gosto!

GERALDO *(pensando alto)*

Quer dizer que um copo de urina equivale a 10 litros de leite?! *(Sai de perto dos banheiros, observa um poste e se aproxima até ele, olha para os lados para ver se vem alguém, como não vê ninguém, abre o zíper da calça e começa a mijar)*

MADAME

Seu safado! Imoral! Você não tem vergonha de ficar com esse instrumento de este tamanho de fora, não?! Você não está vendo que isto aqui é uma via pública?!

GERALDO

Não, não, dona, não é nada disso não! É que da última vez que eu vim à cidade tudo era melhor, era público! Hoje paga até pra mijar, e é caro viu!

MADAME

Precisamos avançar! Estamos na era da globalização! Temos que nos adaptar!

GERALDO

Ahh! Lá na roça não tem isso não! Tudo que a gente tem a gente reparte.

MADAME

Se o que você produz no seu sítiozinho não lhe dá condições para pagar um banheiro, vende esta porcaria e arranja um emprego decente! Nós na Parmalaite pagamos quase um salário para um faxineiro!

GERALDO

Na roça nós não temos dinheiro, nós tem fartura, tem tudo com sobra, galinha caipira, porco, rapadura, queijo, manteiga.

MADAME

Tudo mixaria! Tenha uma grande produção e terá um dinheirão! O que eu não posso é ficar vendo a sua safadeza no meio da rua!

GERALDO

Safado é a senhora, por acaso a senhora não mija?!

MADAME

Se eu mijo ou não mijo isso não é da sua conta! Mijar ou não mijar é uma questão de foro íntimo!

GERALDO

Todo mundo mija! O presidente mija, Roberto Carlos mija, Pelé mija, Xuxa mija, até o Papa mija!

MADAME

Não diga isso porque o papa é quase um santo e santo não tem sexo, santo não mija. Ele é muito diferente!

GERALDO

Todo mundo que é diferente pode ser diferente mas também é igual – todo mundo tem umbigo: o presidente tem umbigo, o Pelé e a Xuxa tem umbigo, o Roberto Carlos então, esse nem se fala! Todo mundo tem...

MADAME

Pára, pára, pára! Eu já sei o que você vai acabar dizendo que todo mundo tem! Eu não tenho nada que eu não quero! Safado, caipirzinho indecente !!! Seu guarda, seu guarda, faça o favor!

GUARDA

O que esta acontecendo senhora?!

MADAME

Este sujeito desavergonhado estava na maior imoralidade fazendo xixi no poste, além de mostrar o rabo no meio da rua! Mostrou sim, eu juro que vi! Eu nem queria olhar, mas já que estava ali mesmo, à mostra, olhei e vi! Vi tudo! Esse homem é um desaforado! E eu sou uma pobre mulher indefesa!

GUARDA

Vamos embora sujeito! Isto é um caso que o delegado vai resolver. A senhora indefesa vai ter que testemunhar.

MADAME

Com muito prazer! Quem é o delegado?

GUARDA

É o Doutor João Rodrigo.

Eles chegam na delegacia.

GUARDA

Doutor, temos um assédio, ou coisa parecida, está senhora indefesa é a vítima e a testemunha.

GERALDO

Seu doutor eu quero falar!

DELEGADO

Fica no seu canto, quando for para você falar, eu chamo! E fala baixo! O que aconteceu minha senhora?

MADAME

Seu delegado, a coisa era horrível! Eu vinha passando pensando em poesia e, de repente, olho, e o que vejo? Esse homem estava com aquele instrumento, sabe, doutor? Aquele instrumento todo de fora, era deste tamanho...

GERALDO

Seu delegado...

DELEGADO

Não te perguntei nada! Se eu não perguntar, não fale, e se eu perguntar, não responda! Posso fazer algo pela senhora?!

MADAME

Por favor, me poupe destes constrangimentos senhor delegado, posso ir embora agora? Eu sou uma mulher indefesa, que mora sozinha, ali naquela rua atrás da igreja, sabe? Eu sozinha...

DELEGADO

Sim, claro.

GERALDO

Posso ser liberado agora também?

DELEGADO

Cale a boca sujeitinho! Claro minha senhora, volte sempre, venha tomar um cafezinho com a gente. Vou ter uma conversa com esse sujeito que teve a ousadia de molestar uma dama como a senhora.

MADAME

Vou aproveitar para convidá-lo para comermos uma churrasco, na casa de campo da empresa.

DELEGADO

Eu gosto muito, muito mesmo de churrasco! Ah, um churrasco com a carne bem sangrenta, macia, adoro morder...(Se volta para Geraldo e assume uma postura brusca.) – Qual seu nome indivíduo? Onde você mora? Você pelo menos trabalha? Ande logo, se explique sujeito, seu caipira!

GERALDO

Eu vou contar desde o princípio: eu estava cantando uma música da roça pra que a minha vaquinha me desse mais leite, quando...

DELEGADO

Não quero saber de seus problemas, muito menos de sua vaca Mimosa e do seu leite. Eu estou aqui para cumprir a lei. Sujeito: você cometeu duas infrações. Primeira, vendendo leite *in natura*: o leite deve ser entregue na indústria para ser industrializado, e não vendido aqui na cidade.

GERALDO

Mas entrego há tanto tempo!

DELEGADO

Segunda infração: atentado ao pudor.

GERALDO

O que é isto doutor?!

DELEGADO

A multa é de R\$ 300.

GERALDO

Nossa, delegado, este é o preço de minha vaca Mimosa!

DELEGADO

E se não pagar, vai preso, e a fiança é de R\$ 600!

GERALDO

Isto é o preço de meu sitio, Doutor!

DELEGADO

É isto!!!

Direito de comer direito

Peça construída coletivamente pela Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, durante a segunda etapa de formação de curingas do MST com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), com direção de Augusto Boal, em junho de 2001, no Rio de Janeiro.

Personagens:

Alê

Bete

Washington

Zica

Carminha

Aparecido

Aninha

Acampado 1

Acampado 2

Luíza

Maria

João

Gerente do supermercado

Policial

PRÓLOGO

Um de cada vez os atores e atrizes entram dançando e cantando uma música de ciranda. Cada pessoa traz um objeto simbólico (livro simbolizando escola, pão simbolizando comida, etc) e deposita sobre uma toalha colocada no centro do palco. O conjunto de objetos simboliza uma vida com dignidade. Do fundo da cena, em diagonal, aparece um homem vestido de terno, com uma faixa verde e amarela cruzada no peito, simbolizando ser o presidente da república. Ele segura um rodo imenso e com ele bate no chão fazendo um barulho seco, e vai, pouco a pouco, enxotando a toalha com seus objetos para fora de cena. Esse homem está amarrado com fitas, como se estivesse encoleirado, por outro homem que vem atrás dele, com cada pé em uma lata de tinta, ficando mais alto e fazendo grande barulho. Esse segundo homem simboliza o império norte-americano e traça uma capa e uma cartola com as cores da bandeira dos EUA. Enquanto o olhar do primeiro homem é submisso, resignado, o olhar desse segundo é altivo e arrogante.

Quando eles terminam de cruzar o palco entra um grupo de jovens favelados, dançando funk.

CENA 1: SITUAÇÃO DOS FAVELADOS

ALÊ

Bete, Bete, chega aqui!

BETE

Oi Alê, faz tempo que não te vejo na escola, aconteceu alguma coisa?

ALÊ

Pô, desencanei desta história de escola, não vai me levar a lugar algum, ficar ouvindo esse blá, blá, blá! Tô afim de arrumar um trampo.

WASHINGTON

Eu tô fazendo minha correria, tá ligado? Cê acha que a escola vai mudar a vida da gente? Eu já tô no esquema aqui do morro, é mercado certo, a grana corre solta. Olha aqui como eu tô numa boa. (mostra a roupa)

ZICA

Na minha casa tá a maior pindura, todo mundo desempregado, minha mãe doente, sem poder comprar remédio, o bicho tá pegando.

BETE

Lá em casa não está diferente, mas eu não vou sair da escola por causa disso. Se trabalho tá difícil, pra quem tem estudo, imagina pra quem não tem. Oh, Washington, tudo que vem fácil, vai fácil. Você sabe que quem entra nessa não dura muito!

WASHINGTON

Eu tô nessa até o dia que eu quiser, quando eu descolar alguma coisa que dê mais grana, eu largo. Passar fome é que eu não vou!

Som de tiros. Um corpo de um boneco de pano vestido com um macacão é jogado no meio do palco. Bete se assusta, Washington, carrega o corpo, Alê e Zica saem no ritmo de funk. Bete sai e monta a cena da família.

CENA 2: DIÁLOGO DA FAMÍLIA

Carminha entra cantando “Beijinho doce” e arruma a mesa.

CARMINHA

Aparecido, você saiu para arrumar emprego, arrumou alguma coisa?

APARECIDO

Não, as firmas não estão pegando gente acima de 40 anos.

CARMINHA

Mas você não tem quarenta anos, tem só 38!!!

APARECIDO

Tenho 38 mas tenho cara de 43!!! O que conta é a cara não é a carteira de identidade!!!

CARMINHA

Desde que a gente chegou na cidade, sua vida é essa de procurar emprego e não arrumar nada certo. Não sei onde isso vai dar. Fico pensando que futuro que a Bete vai ter. Não penso nem mais em mim mesma, porque o meu futuro já está lá longe, lá no passado, já esqueci.

APARECIDO

Do jeito que ela vai, nenhum! Só sabe ficar com os livros debaixo do braço pensando que pode mudar o mundo. O mundo não muda nada nunca e quando muda é pra pior.

Bete chega.

BETE

Oi pai! Oi, mãe! Mataram mais uma pessoa, mataram e jogaram no meio da rua, no meio do trânsito, no meio de todo mundo que estava falando de futebol, falando da novela, e o pior é que ninguém mais liga, é revoltante.

CARMINHA

Nesse mundão véio de meu deus, eu não sei se é melhor morrer ou viver, pelo menos quem morre cai em qualquer lugar e quem fica vivo não tem onde descansar o corpo.

APARECIDO

É menina, desde que chegamos aqui morre gente todo dia, a gente tem mais o que fazer! Não pode ficar prestando atenção a essas coisas, não é falta de interesse, é falta de tempo. Só você que não se acostumou ainda.

BETE (*discordando gestualmente*)

Mãe, cadê a comida?

CARMINHA

Não tem comida!

BETE

Então por que colocou a mesa?

CARMINHA

Por que é de costume, é hábito. Todo dia ao meio dia eu boto a mesa porque a minha mãe botava a mesa todo dia ao meio dia, porque o meio dia é a hora certa de se botar a mesa. Às vezes tem comida, outras vezes não tem, mas ao meio dia eu boto a mesa como a minha mãe botava e a minha avó também. Ao meio dia, é natural!

BETE

Então é natural morrer gente toda hora, não ter comida, tudo é natural?! Meu pai não acha emprego porque tem cara de 40 anos, é natural?! É natural desovar cadáver no meio da rua?! Tudo é natural?! É natural não ter dinheiro pra andar de ônibus e ter que andar hora e meia a pé?!

CARMINHA

Assim como é natural colocar a mesa todo dia, ao meio dia.

APARECIDO

Não é natural uma menina na sua idade não estar trabalhando e não trazer comida para casa. Isso não é nada natural não senhora!

BETE

Mas eu estudo! E busco pra nós uma vida diferente de tudo isto! Estudar é até mais difícil do que trabalhar! Estudo agora, trabalho depois e, depois, trago dinheiro pra casa pra vocês terem uma vida melhor e ter alguma coisa pra botar nessa mesa que a mãe não se cansa de arrumar ao meio dia.

APARECIDO

Estudar a vida inteira é coisa de gente rica, pobre tem que trabalhar desde cedo. Estudar é um luxo!

CARMINHA

Mas Aparecido, ela vai parar de estudar?! E vai fazer o quê?! Se serviço tá difícil pra você que é homem e forte, imagine para ela que é mulher!

APARECIDO

Mulher também tem dois braços como eu, pode trabalhar como homem. Tem serviço que só mulher pode fazer: enfermeira, lavadeira, cozinheira.... Isso tudo é coisa de mulher. Ela pode trabalhar sim!

BETE

Mas eu não quero parar de estudar.

APARECIDO

Mais vai ter que parar!!! *(Todos congelam a imagem)*

CENA 3: EM BUSCA DE EMPREGO.

Música do Gonzaguinha. Bete vai procurar emprego. Atores em fileira seguram máscaras. Quando ela pergunta se há emprego cada um responde mecânica e repetidamente com uma frase clichê, dispensando-a. As frases são as seguintes: Não fala inglês, não tem vez; Não tem boa aparência; Não temos vagas, volte depois. Depois que cada ator fala a sua frase todos repetem em coro, cada qual a sua frase, formando uma algazarra de sons. Beth não tem chance no mercado de emprego.

Entra uma marcha de movimentos sociais, com várias bandeiras coloridas erguidas, com as seguintes palavras estampadas: Reforma Agrária, Educação, Saúde, Comida, Dignidade, etc. Os militantes cantam a música “Ergue a bandeira”. Beth fica curiosa e se aproxima da marcha.

BETE

Qual o objetivo dessa mobilização?

ANINHA

Estamos lutando pelos nossos direitos!

BETE

Pra onde vocês estão indo?

ANINHA

Pra um acampamento. Vamos, companheira? Vem com a gente!

Bete segue a marcha.

CENA 4: NO ACAMPAMENTO.

No cenário são montados barracos de lona preta, escorados em

pedaços de pau. Há pessoas dentro dos barracos, e outras trabalhando no roçado. Todos cantam a música “Descobrimos lá na base”.

BETE

Esta é a segunda roça que estamos plantando, a primeira não deu nem tempo de colher, o despejo chegou antes. Tomara que dessa vez a gente possa comer o que plantou.

ACAMPADO 1

É, mas nós já estamos com problema de alimentação hoje. A ultima partilha das doações já foi feita. Com certeza já tem gente passando necessidade.

ACAMPADO 2

Principalmente quem tem família grande.

BETE

Mas daqui a pouco já tem uma reunião pra gente discutir esse problema.

tic – tac...

CENA 5: A REUNIÃO

BETE

Companheirada, tá difícil a situação no acampamento. A comida que as famílias trouxeram acabou, e o clima está muito pesado. A gente vai ter que fazer alguma coisa e é já!

LUÍZA

Meu Deus do céu, não dá mais para suportar esta situação de ver os filhos da gente chorando e morrendo de fome! Ontem enterramos a criança da Dona Tereza. Hoje quem será? Não

podemos mais ficar aqui parados, precisamos fazer alguma coisa pra acabar com essa dor. Nós vamos ficar parados esperando a morte chegar?

MARIA

O que vocês decidirem eu faço, pra mim tá bom, seja lá o que for, eu vou pela maioria.

BETE

Já foram feitas muitas arrecadações de comida. O governo não vai mais liberar cestas básicas, e a roça que plantamos agora ainda não produziu nada. Sem contar o risco de despejo. Quando o tomate começa a ficar vermelho e o milho amarelo, vem a polícia e desaloja, desaloja e come!

MARIA

E por que não arrumamos umas diárias de serviço aí fora?

JOÃO

Já procuramos e vimos que não tem serviço aí na região. O desemprego está cada vez maior.

LUÍZA

Chega gente! Vamos fazer alguma coisa rápido! Barriga não espera, olha o menino aqui chorando de fome!

BETE

Calma, companheira, nós não vamos mais admitir ninguém morrer de fome, nem desistir da luta por falta de comida, sendo que tem tanta comida nos depósitos.

LUÍZA

Então vamos buscar logo! Não podemos ficar parados não, minha gente!

MARIA

Peraí, deixa eu ver se estou entendendo. Vocês estão querendo roubar comida no supermercado? É isso que vocês estão querendo fazer? Roubar comida é roubo! Olha o que vão falar da gente!

LUÍZA

Gente com fome, não quer bem a ninguém.

BETE

Eu defendo que vá um grupo pra cidade, vá lá no *Komida boa*, e traga comida pro acampamento.

MARIA

Peraí, eu num tô contra não, mas a terra que nós ocupamos, estava vazia, não era terra de ninguém. Supermercado não, tem um dono. Você acha justo, alguém entra na sua casa, pegar sua comida, tirar sua roupa?! Você acha justo?!

BETE

Companheira, o que não é justo é alguns terem muito e tanta gente não ter nada. E tem mais: nós temos garantido por lei que pegar comida pra matar a fome não é crime.

JOÃO

Isso é perigooso! Tem segurança armada no supermercado, nós podemos ser presos e até morrer!

MARIA

Eu também acho.

LUÍZA

Maria do céu, não tá vendo tanta gente morrer?! Nós já tâmo morrendo mesmo, vamos de uma vez, pelo menos vamos morrer de barriga cheia.

MARIA

Tá bom! Se tá na lei que não é crime, vamos fazer o negócio direito. Quem vai? Pode ir mulher e as crianças?

JOÃO

Na segurança do acampamento, alguém tem que ficar? Não tem? Eu fico!

BETE (*irônica*)

Está bom, fica você que é um homem muito corajoso! Um grupo para segurança, mulheres e homens vão pro supermercado, e as crianças ficam no acampamento com o corajoso. Só vamos pegar comida, ninguém pega nada que não seja comida, entramos juntos e saímos todos juntos.

LUIZA

Então segura aqui minha criança. E vamos logo!

Imagem: de braços dados saem em câmera lenta, se espalham e começam a pegar coisas nas prateleiras imaginárias, de frente para o público. Até que cai uma lata no chão e o gerente dá o alerta.

GERENTE DO SUPERMERCADO

Pega ladrão!! Chama a polícia!!!

Entra música “Polícia para quem precisa”.

POLÍCIA

Encosta cambada! Mãos pra cima! Era só o que faltava; vocês são bem folgados mesmo! Não respeitam mais nada! Encosta e vai largando tudo!

LUÍZA

Nós não estamos fazendo nada errado; só queremos matar nossa fome!

POLÍCIA

Vocês tão tudo errado! Vocês gostam é de uma baderna, seus bandidos; porque não trabalham?! Esses são os piores!

Os amiguinhos de vocês não dão comida pra vocês não?!
Depois que fazem as merdas todo mundo é coitadinho!

BETE

Nós não tivemos outra alternativa; todo mundo tem direito de comer. Está na lei!

POLÍCIA

Vão devolver tudo ou então vão pro xilindró; porque aqui na cidade, cambada, tem gaiola grande para pica-pau esperto como vocês!

BETE

Todo ser humano tem direito de comer! Isso é um direito humano!

POLÍCIA

Que direito humano?! E o direito dos outros que vocês não respeitam???

O diálogo seguinte é repetido três vezes seguidas, em voz bastante alta.

POLÍCIA

Devolve a comida!

TODOS

Não devolvemos!

Os policiais avançam apontando ameaçadoramente as armas para os acampados, e o chefe deles grita, ameaçadoramente:

POLÍCIA

Devolve sim! Pra que é que serve a lei?!

A peça termina com essa imagem de conflito congelada.

Nem tudo que se planta colhe

Peça construída coletivamente pela Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, durante a quarta etapa de formação de curingas do MST com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), com direção de Augusto Boal, em dezembro de 2002, no Rio de Janeiro.

Personagens:

Mãe – Zildinha	Professora
Pai - Zé Miúdo	Juiz
Filha – Joanelha	Delegado
Filho – Zezinho	Oficial Crispim
Camponês 1 – (Zé)	Advogado de defesa
Camponesa 2	Fazendeira Melissa
Camponês 3	Cana
Camponesa 4	Promotora
Camponesa carola	

CENA 1: ABERTURA: TRABALHO NO CAMPO.

(Os atores compõem seqüências de imagens com seus corpos, e cantam a música “Algodão” de Luiz Gonzaga.)

Música 1 - Bote a enxada no chão *(somente o trio cantador)*
Limpa o pé do algodão
Que pra vencer a batalha
É preciso ser forte, valente
E nascer no sertão
Tem que suar muito pra ganhar o pão
Que nossa vida não é brinquedo não
(todos camponeses cantam)

Mas quando chega o tempo rico da colheita
Trabalhador vendo a fartura
Oh, que beleza!
Chama a família e vai (6 vezes)
Pelo roçado sai
Cantando alegre ai, ai, ai,ai,ai.

CENA 2: ALMOÇO EM FAMÍLIA

(Enquanto trabalham, toda a família canta.)

Tomate por toda parte
Abóbora e pimentão
Vão estar em nossa mesa (2 vezes)
Com arroz, milho e feijão

ZEZINHO

Por hoje já chega, mãe! Estou com fome, minha barriga ta roncando...

JOANINHA

Ô pai, já acabei. Preciso me arrumar que vou sair com minhas amigas...

ZEZINHO

Amigas, é? Como é que ele se chama mesmo????

JOANINHA

Por quê? Quer vir junto comigo pra vigiar é, seu polícia?!

Enquanto os filhos vão para casa, os pais continuam trabalhando, e cantando:

Banana, laranja e pêra
Carne seca e macaxeira
Queijo fresco e rapadura
Tem comida pra família
Inté pra vender na feira.
Salve nossa agricultura!

ZÉ

Vamos almoçar!

ZILDINHA

Calma aí, Miudinho... antes você vai me ajudar a encher os potes, que não tem água nem pra remédio.

ZÉ

Depois, Zildinha, eu juro que depois....

ZILDINHA (*ameaçadora*)
Miudinho !!!!!

Zé olha para a esposa , puxa-a e lhe faz um chamego.

ZILDINHA (*para a platéia*)
Esse meu Miudinho é danado quando quer!!!!

Os dois chegam em casa. Os filhos estão fora se arrumando.

ZÉ
Ô Zezinho, vá limpar o chiqueiro antes de tomar banho...

ZILDINHA
Antes de tomar banho só se for amanhã.... Estou pronto !!!

Zezinho está com roupas “da moda”: óculos escuro e jaqueta.

ZÉ
Posso saber onde o senhor vai vestido assim?

ZEZINHO
Na cidade! Pai, hoje é domingo, relaxa!!!!

ZÉ
Os porcos nem sabem que hoje é domingo... esta roupa é ótima pra limpar o chiqueiro, antes de ir pra cidade.

ZILDINHA
Miudinho, deixa o menino se divertir! Ele já está com 22 anos, tem a vida toda pela frente... Você bem que gostava de andar na moda quando me conheceu, lembra? Ah. Como você era diferente, tão diferente ... tão bonito....As roupas hoje em dia são mais vistosas, o tempo passa...

ZEZINHO (*cantando*)

E disso gosto, e não desgosto, de lembrar

Trabalhar na roça não me cansa
Mas na cidade minha vida vai mudar
Esta é a minha esperança
Se aqui de noite tem luar
Na cidade tem mais diversão
Um dia com Ritinha vou casar

(*entra Ritinha dançando*)

Mas agora só quero é curtição
A terra do meu pai eu vou herdar
Mas pro futuro não quero só isso não

Entra a filha toda arrumada para o almoço.

ZILDINHA

Uai, filha, já está arrumada antes de lavar louça?!

JOANINHA

Por que o Zezinho pode sair sem limpar o chiqueiro e eu tenho que lavar a louça antes de sair com minhas amigas? Direitos iguais, mãe! O tempo passa...

ZÉ

Deixa a menina em paz, Zildinha... você também gostava de se arrumar pra sair aos domingos.

ZEZINHO

Olha pai, fica de olho. Essa história de amigas é papo! Sabe o nome da amiguinha da Joana? Jorginho Limoeiro!

JOANINHA (*cutucando o irmão com raiva*)

É mentira, pai!

ZÉ

Conta essa história direitinho, menina!

JOANINHA (*cantando*)

Nada vai me impedir
Desta tarde eu sair
Eu trabalho e estudo
Quero me distrair
Tem alguém de quem eu gosto
Me esperando na esquina
Vou traçar o meu caminho
Não sou mais uma menina.
Pois eu tenho outros sonhos
Deixa que a vida me ensina

PAI (*cantando*)

Do meu pai herdei a terra
Que herdou do meu avô
Esta é minha riqueza
Coisa de grande valor
Do meu pai herdei a terra
Que meus filhos vão herdar
Produzindo alimento
Para todos sustentar.

MÃE (*cantando*)

Da vida nada lamento
Pois fiz um bom casamento
Sou uma mulher feliz
Nessa vida de casada
Meu marido é um santo
E é saudável a nossa filharada
Vem correndo a criançada
Com todo seu alvoroço
O mais importante agora
É aproveitar esse gostoso almoço!

Sentam e comem.

JOANINHA

Tomate, alface...

ZEZINHO

Beterraba, macarrão...

ZILDINHA

Galinha caipira...

ZÉ

Arroz e feijão!

TODOS

Hum !!! Hum !!!! Hum !!!

CENA 3: BALÉ DA SEMEADURA

Texto de Augusto Boal para ser lido durante a cena. Enquanto o texto é lido o elenco desenvolve uma coreografia expressando movimentos relativos aos momentos do texto.

CAPINAR

O camponês ama a terra.

Amor difícil.

A terra teima em produzir capim,

Urtigas, erva ruim.

no começo, é luta: o camponês tem que vencer,

E obriga a terra a obedecer.

o camponês, cheio de ternura, sabe que tem razão;

a terra fica amiga e lhe oferece o seu chão.

PLANTAR

Plantar é um ato de amor,
cheio de delicadeza e precisão.
Não se joga a semente em qualquer lugar,
Só no terreno escolhido, com todo vagar,
só ali, pode haver fecundação.

A MÍSTICA, A ESPERA

O camponês termina o seu trabalho e espera.
Agora é a vez da terra. O camponês contempla a terra.
Descobre que ele e a terra são um só.
Casamento.
O camponês, a terra e o céu são um só,
são só um, são a Natureza.
O camponês espera e a semente cresce, dentro da terra,
Como no ventre da mãe cresce o seu filho.

A CHUVA

O verde pede a chuva, semente pede água.
O camponês e a terra têm sede.
O camponês conversa com o céu,
Convence o céu e o céu atende.
O céu manda nuvens,
As nuvens choram e as lágrimas das nuvens são a chuva,
Cai a chuva, cresce a planta, cresce o camponês,
ele e ela desabrocham: é a natureza que vive,
cresce, fica enorme.

O MUTIRÃO

Os camponeses se juntam, se somam,
E, quando se somam, se multiplicam.
Dois mais dois são mil.

A COLHEITA

Os camponeses, agora, são enormes,
Porque têm a terra dentro deles. São a terra.
São o céu, são a chuva, são o mundo.

A FEIRA

Vender o que produziram não é só vender:
É o reconhecimento do seu trabalho,
Da sua vida.

O BAILE: CANTIGA DO SAPO

*Duas filas, uma de frente à outra, depois em duplas como o jogo
“Ninguém com ninguém”. Todos cantam.*

É tão gostoso morar lá na roça
Numa palhoça perto da beira do rio
E quando a chuva cai
O sapo fica contente
E até alegra a gente com o céu desafio
Tião? Oi! Foste? Fui! Compraste? Comprei!
Pagaste? Paguei!
Me diz quanto foi? Foi Quinhentos Réis!

Orientação para movimentação da coreografia do Balé da Semeadura:

1º) Capinar: capinar é domesticar a natureza, a terra, como se fosse um animal selvagem. Primeiro se luta com a terra que teima em produzir urtigas. É preciso fazer a terra obedecer. Quando obedece, aí o camponês se enternece. Ficam amigos.

2°) Plantar: cena de amor com a terra. Ternura. Fecundação da terra. Delicadeza e precisão. Não se joga a semente em qualquer terreno, só no escolhido. Relação sensual com a terra.

3°) A espera (a mística): contemplação, espera; o camponês se confunde com a terra: os dois são um só: casamento. O camponês, a terra e o céu são um só. O camponês é a natureza, parte da natureza.

4) A chuva: o camponês precisa da chuva, pede ao céu a chuva. Olha o céu, conversa com o céu. O céu atende e manda nuvens; cai a chuva. O camponês se banha na chuva e desabrocha como se fosse uma planta. É necessário que o espectador veja, no corpo dos atores, a horta que cresce molhada pela chuva.

5°) O mutirão: os camponeses-horta se preparam para a colheita e se unem em mutirão.

6°) A colheita: os camponeses agora são enormes, cresceram, têm a terra dentro deles.

7°) A feira: vender é o reconhecimento do seu trabalho e o seu trabalho é a sua vida.

8°) O baile: felicidade.

CENA 4 – A DISCUSSÃO SOBRE OS TRANSGÊNICOS

No meio do baile, entram alguns camponeses, todos com uma fruta ou legume na mão, deformados.

ZÉ

Olha, olha gente! Olha aqui o que foi que eu encontrei na minha horta. Encontrei uma melancia que, olhando assim de lado, está com cara de serigüela.

CAMPONÊS 2

E esta mandioca está me parecendo que está com cara assim meio de pitanga malagueta?! Não está, não? Eta, pimentinha ardida!

CAMPONÊS 3

Nossa, achei um abacaxi que tem cara de abacaxi, tem casca de abacaxi, espeta que nem abacaxi e tem gosto de amendoim!!!!

CAMPONÊS 5

E esse repolho? Parece o quê?

CAMPONÊS 1

Parece alcachofra!!??!

CAMPONÊS

Parece tatu bola espinhoso !!!??

CAMPONÊS 5

Parece samambaia retorcida !!!??

CAMPONÊS 3

Parece cara de bode velho !!!??

MÚSICA (*todos cantam*)

Bananeira não dá laranja
Coqueiro não dá caju (BIS)
Eu subi na mangueira pra tirar jaboticaba
Chega o dono das laranjas
Não me roube essas goiabas
Ole, ole, ole, olá
Subi no morro pra tirar maracujá
Eu fui matar um frango

O bicho virou tatu que virou uma leitoa
Com a cara de peru
Ole, ole, ole, olá
É o fim do mundo??? Que será, o que será?!

CAROLA

Vixi Nossa Senhora! Isso é um sinal de Deus! Eu sabia: bem que me dizia minha avó, que era muito rezadeira, e entendia dessas coisas de final de mundo. Ela dizia: o mundo vai se acabar quando a terra já não souber mais o que fazer! E a terra está ficando doida varrida, gente! Minha Virgem do Santíssimo Sacramento da Santa Eucaristia!

C 1

Calma pessoal, não é nada disso! Não tenham medo. Essa é a nova semente que estão produzindo. Não ouviram falar?! É o progresso!!!!

C 2

São os transgênicos!

TODOS OS DEMAIS

Transgênicos?!

PROFESSORA

A gente continua plantando aqui na terra, que é como a gente sabe fazer. Mas lá na cidade, eles estão começando a plantar nos laboratórios.... Eles inventaram os transgênicos...

CAROLA

Laboratório que nada, minha filha: isso é o apocalipse, está na Bíblia. A minha avó é que sabia!! É a besta do apocalipse. É o Armagedon! É o dilúvio! Vamos gente, vamos construir a Arca de Noé um pouco maiorzinha porque vai todo mundo morrer afogado!

C 5

Ô gente, vamos deixar a professora explicar e parar de besteira!

PROFESSORA

São sementes modificadas geneticamente, conhecidas como OGM...

C 3

Mas quem é que faz isso?

C 1

Eu vi naquele programa *Bobo Rural* que é aquele Mão do Santo que faz e que é muito bom porque cresce mais rápido, resiste ao veneno, aumenta a produtividade e dá menos trabalho.

C 2

Então é bom mesmo!

C 5

Pode ser bom, mas é muito esquisito: abacate com cara de tatu, tenho até medo de misturar com o leite! Vai que vira uma tartaruga!??? (*Mostra a mandioca com cara de pimentão*).

CAROLA

É a mão do diabo!

PROFESSORA

Os transgênicos são sementes modificadas que o agricultor terá que comprar todo ano da empresa multinacional que modifica as sementes, e que é a dona, porque a semente modificada não se reproduz. Então, nunca mais vai ser como agora que vocês sempre têm semente nova: vão ter que comprar na fábrica de sementes.

CAMPONÊS

Ouvi dizer que isso é proibido.

PROFESSORA

É proibido sim! Mas, pode plantar só para pesquisa. Se vender é crime. Mas tem laboratório que já está vendendo!!!

C 4

Semente modificada? Pra quê se semente é semente? Planta e ela já sabe o que fazer, precisa só de ter cuidado.

PROFESSORA

Qual é a semente que vocês mais plantam?

TODOS

Milho crioulo!

Ela vai explicar e entram dois técnicos vestidos com aventais brancos e máscaras que vão demonstrando.

PROFESSORA

Eu vou explicar como é que é. Pega uma parte da semente do milho, junta *(os técnicos colocam num tubo de ensaio)* com uma parte de outra planta, por exemplo, o tomate; mais uma parte bem escolhida do frango, mistura tudo, Leva ao forno, faz umas mágicas científicas. E a semente está pronta para ser plantada. *(Técnico tira por baixo do tubo).*

C 3

E aí a gente planta e nasce o quê?

C 5

Polenta com frango ao molho pardo!

CAROLA

Cruz credo, isso não pode, o homem querer fazer o que é tarefa de Deus!

C 1

Isso é o futuro, o desenvolvimento do campo.

ZÉ

Espera aí ! Eu plantei o milho crioulo de semente que meu bisavô passou pro meu avô, que meu avô passou pro meu pai, que meu pai passou pra mim, e eu vou passar pros meus filhos. Isso é o certo!!!

C 3

Eu concordo com o Ze Miúdo, mas disconcordo com essa gente que andou espalhando essas sementes transgenizadas sem perguntar pra nós.

C 5

Gente, na fazenda da Melissa Cana, vizinha do Zé, eles estão plantando milho, soja e feijão e ninguém pode olhar, nem entrar. Eles dizem que é área de pesquisa. Vai ver que isso veio de lá ! Os passarinhos trouxeram essas coisas pra cá, sem perguntar.

C 3

É verdade! Eu bem que reparei que os passarinhos têm andado mais alvoraçados que antigamente. Não tinha esses transgenizados.

C 4

Passarinho nada! Foi o vento. O vento leva e traz tudo de lá para cá: cruza as plantas.

C 2

Que vento coisa nenhuma: são as abelhas. Abelha é que tem esse mau caráter.

C 5

Que abelha, que nada! É o avião da Melissa Cana que passa espalhando veneno.

CAROLA

É a besta-fera! Valha-me Deus, Nossa Senhora, já dizia a minha avó: é o Armagedon!

CENA 6: A INTIMAÇÃO.

No meio do baile, entra o oficial de justiça.

OFICIAL

Atenção pessoal! Silêncio, por favor! Não querendo atrapalhar, mas já atrapalhando! Quem aqui é o Sr. José da Silva?

C 3

Ô Zé Miúdo, é com você!

ZÉ

O que que foi?

OFICIAL

Olha aqui! Mandaram eu entregar esse papel, com carimbo e tudo. Mandaram eu entregar, eu entrego. Mandaram eu fazer, eu faço.

ZÉ

Que papel é esse rapaz? Desembucha!

OFICIAL

Pra dizer a verdade é uma ordem!

ZÉ

Ordem?! Em mim ninguém manda rapazinho. No meu terreiro quem canta de galo é eu!!

OFICIAL

É mas dessa vez, vão mandar sim senhor! Essa ordem vem por escrito. É mais que uma ordem, é uma intimação. Isso é coisa séria. O senhor vai ter que abrir a boca e cantar tudo que sabe e prestar esclarecimentos. Vai ter que contar tudo tim tim por tim tim!

ZÉ

Pois pode perguntar: eu não tenho nada pra esconder!

OFICIAL

Não vai ser aqui não. Eu nem sei que pergunta o delegado vai perguntar. Mas sei que é pergunta braba! Vá se preparando... o delegado...

CAMPONESES

Delegado?!

OFICIAL

Lá na delegacia.

CAMPONESES

Delegacia?!

ZÉ

Como?! Não matei, não roubei, eu não fumo nem bebo, nem baralho eu jogo! Ô Chico, você que está com a vista melhor que eu, faça o favor de ler pra nós.

CHICO

Silêncio! Deixa eu explicar, diz assim, sem mais nem menos, dois pontos: Comparecer, no dia 14 de agosto às 16h30min.

Pra quem não entendeu direito: 16h30min é quatro e meia que ele está falando. Comparecer na delegacia para prestar esclarecimento sobre a comercialização de produtos transgênicos. Transgênicos, isso mesmo que está aqui: produtor de transgênicos.

ZÉ

Que é isso rapaz?! Vê se eu vou assinar um troço desses! Aqui ninguém planta nada disso, não. Não vou assinar nada.

OFICIAL

O senhor me desculpe, eu não tenho nada com isso. Se não quer assinar eu vou fazer o relatório pra dizer que lhe encontrei em sua casa, vou pegar uma testemunha pra testemunhar que o senhor não quis assinar. Aí a testemunha assina. E se a testemunha não quiser assinar, eu pego outra testemunha que vai testemunhar que a testemunha não quis assinar... e se nenhuma testemunha não quiser testemunhar, aí então eu testemunho que nenhuma testemunha testemunhou... e o senhor tem que ir lá do mesmo jeito!

CAMPONESA

Compadre, é melhor assinar isso logo de uma vez.

CAMPONÊS 5

Não assina isso não. Se você assinar está confessando que está plantando transgênicos!

OFICIAL

Vou lhe dar um conselho de amigo: é melhor assinar porque as conseqüências são muito mais graves. O Delegado hoje mandou eu; amanhã vem a polícia; depois de amanhã vem o regimento e, na semana que vem, o exército inteiro cantado o Hino Nacional. E depois, só Deus sabe!

ZÉ

Vou assinar e vou lá saber o que é. Quem não deve não teme. E eu não devo nada não; viu, seu pau mandado??!

O fiscal vai saindo e, num canto da cena, fora da vista dos camponeses, mostra a intimação assinada para a fazendeira Melissa Cana, que lhe paga. Enquanto isso os camponeses conversam.

OFICIAL

Conseguimos, conseguimos, ele assinou!

FAZENDEIRA

Ótimo, bom trabalho! A terra dele está no meu papo!

MÚSICA: “Forró do Mané Vito“
Seu delegado sem intriga eu não brigo
Se ninguém bulir comigo
Não sou homem pra brigar
Mas essa noite no forró de Mané Vito
Tive que fazer bonito
A razão vou lhe explicar :
Chegou o oficiá
Mandou parar o fole
Mas o cabra não é mole
Quis partir pra me pegar
Puxei do meu punhá
Soprei no candeeiro
Botei tudo pro terreiro
E fiz o samba se acabar.

CENA 7: ZÉ MIÚDO NA DELEGACIA

Ze miúdo entra e se depara com o delegado e o oficial.

DELEGADO

Qual é o problema?

ZÉ

Eu sou José da Silva, conhecido como Zé Miúdo, mas na verdade eu sou filho de filho de José da Silva Pai, e Pai do José da Silva Filho, casado com Dona Zilda Maria José da Silva...

DELEGADO

Chega, chega, já sei! Positivo, você é o elemento dos transgênicos! Essa gente não toma jeito!

ZÉ

Doutor., deve estar acontecendo uma confusão. Porque na minha casa eu não dou transgênicos nem pros meus porquinhos, nem pras galinhas, nem pros

DELEGADO

Não tem confusão nenhuma rapaz, você que está encrocado!

ZÉ

Encrocado, eu?! Eu não tenho nada com essa história de transgênico!

DELEGADO

Você planta, diz que não tem nada com isso e vende sem saber o que está vendendo?! Daqui uns dias ele vai trazer atestado médico que está com amnésia. Crispim!! traz os laudos que eu vou refrescar a memória desse camponês esquecido!

OFICIAL

Doutor, eu vou trazer todos os documentos que comprovam a periculosidade desse elemento. Tudo, tudo que eu puder vasculhar por aí, eu vou trazer tudo tudinho.

DELEGADO (*recebe os laudos e lê*)

Na amostragem nº 51 do sítio *Olhos D'Água*, de propriedade de José da Silva, filho de José da Silva Pai, etc... da Silva, etc... etc... foi constatada a presença de OGM – Organismo Geneticamente Modificado – está vendo só?! Eu avisei, ou seja, transgênico.... Sim senhor, seu José da Silva ... Quem diria? Logo você... Viu que encrenca?!

OFICIAL

Está vendo, doutor?! No meio da turma dele, ele é um valentão, vira uma fera. Agora aqui, fica que nem um cordeirinho e diz que não plantou nada. Quem é que vai acreditar que ele não plantou, que não sabe nada, que é filho do seu Zé da Silva? O senhor vê a confusão: todo mundo é Silva pra confundir a gente, não sabe não? É Silva de caso pensado.

ZÉ

Mas eu não plantei nada disso mesmo não! Eu tenho raiva de quem planta! Não plantei mesmo!

DELEGADO (*cinicamente*)

Isso a gente já sabe! Você não plantou transgênico nenhum, não, pode ficar descansado. E mesmo que plantasse, plantar não é crime não!

ZÉ

Graças a Deus! O senhor me deu um susto. Então... passar bem.

DELEGADO

Mas vender transgênicos, seu Zé da Silva, é crime, sim senhor, e o senhor foi denunciado como um criminoso vendedor!

Entra a fazendeira Melissa Cana.

FAZENDEIRA

E também de se apropriar das minhas sementes importadas, exclusivamente para experiências.

DELEGADO

É, seu Zééé!

OFICIAL

É mesmo seu Zéééééé!

ZÉ

Só podia ser um bote dessa jararacussu velha, gambá bufona, mula de padre. E tem mais...

DELEGADO

Cale-se, dê-se ao respeito, seu mau elemento!

ZÉ

Dentro dos meus direitos, eu falo sim: essa mulher está me perseguindo porque quer roubar minha terra.

DELEGADO

Isto é calúnia, difamação e injúria, certo D. Melissa Cana?

FAZENDEIRA

Vamos processar ele por ofensa ao pudor!

DELEGADO

Muito bem!

FAZENDEIRA

E atentado à dignidade alheia!

DELEGADO

Isso mesmo!

FAZENDEIRA

Perjúrio e falso testemunho.

DELEGADO

Melhor ainda!

FAZENDEIRA

E...mais o quê?

DELEGADO

Não sei!

FAZENDEIRA

Olha aí, seu oficial! Vê se descobre uns crimizinhos a mais!

OFICIAL

Desacato a autoridade!

DELEGADO E FAZENDEIRA

Muito bem!!!

OFICIAL

Porque ele me desacatou.

DELEGADO E FAZENDEIRA

Isso mesmo!

OFICIAL

Porque eu sou autoridade!

DELEGADO E FAZENDEIRA

Não sei...

ZÉ

Doutor, eu sou um homem de respeito, honesto, trabalhador, nunca briguei na minha vida e nunca prejudiquei ninguém. Meus vizinhos são testemunhas disso. Essa mulher é que não vale nada!

MELISSA

Tudo da mesma laia: Além de roubar, mente cinicamente.

OFICIAL

E ainda tem a cara de pau de ofender uma dama da sociedade que tanta caridade faz. Vagabundo!

ZÉ

Corrupto, covarde, puxa-saco!

DELEGADO

Considere-se preso!

CENA 8: O JULGAMENTO FINAL

Toca musica enquanto o delegado se transforma em juiz e Melissa Cana em promotora, oficial vira advogado de defesa, e o cenário é transformado de delegacia para tribunal.

Cria juízo seu juiz
Pra que condenar o Zé
Se tem mais de 1000 famílias juiz
Feito flor de bem-me-quer

JUIZ

Com a palavra o Ministério Público para fazer a acusação.

PROMOTORA

Meretíssimo, baseada na denúncia de comercialização e posse indevida de sementes transgênicas de uso exclusivo para área de pesquisa, como os 20.000 hectares da Sra

Melissa Cana, peço a condenação do réu e indenização no valor de cem mil reais.

ZÉ – Juntando tudo o que eu tenho e mais o meu sítio não paga isso!

JUIZ – Silêncio! A defesa tem algo a declarar?

DEFESA – Excelência, ...

JUIZ BATE O MARTELO – Condenado!!!

Todos cantam a música “Meu país”

Um país onde as leis são descartáveis
Por ausência de códigos corretos,
Com quarenta milhões de analfabetos
E maior legião de miseráveis.
Um país onde os homens confiáveis
Não tem vez, não tem voz nem diretriz
Mas corruptos têm vez, voz e bis
E o respaldo de estímulo incomum
Pode ser o país de qualquer um
Só não é com certeza o meu país.

Tô vendo tudo, tô vendo tudo
Mas bico calado
Faz de conta que sou mudo.

Repete só fazendo : “hum... hum ... hum ...”

Depois só com gestos, sem som; a música no violão vai abaixando até parar.

Bem na foto

Peça de Teatro Fórum construída por elenco da Brigada Nacional Patativa do Assaré durante a 5ª etapa de formação com CTO, em fevereiro de 2005, no Rio de Janeiro.

Personagens:

Manoel (pintor negro)

Pintor 1 e Pintor 2 (brancos)

Fotógrafo

Assistente

Canção do Mérito (Coro)

De igual pra igual (2x)
Sou melhor que você (2x)

Mas não vamos competir (2x)
Assim vou te vencer (2x)

Chegada dos pintores ao trabalho

MANOEL

Como vai amigão, tudo bem?

PINTOR 1

Tudo.

MANOEL *(olhando para o outro pintor)*

Meu chegado, tudo na paz?

PINTOR 2

Com certeza. E aí, foi na festa?

MANOEL

Você não me chamou!

Começam a trabalhar e logo chega um fotógrafo com sua assistente.

FOTÓGRAFO

É aqui que funciona a firma *Pinta bem?*

MANOEL

É sim senhor.

FOTÓGRAFO (*ignorando a presença de Manoel*)

É aqui, seu outro moço?

PINTOR 1

Acertou!

FOTÓGRAFO

Pois bem, eu sou amigo do patrão de vocês e vim aqui fazer um favor que ele me pediu: tirar uma foto dos empregados pra fazer publicidade. *Puxando o pintor 1 e o pintor 2.* Vamos tirar a foto porque eu estou com pressa! *Procura a máquina fotográfica.*

MANOEL

Eu também quero sair na foto!

FOTÓGRAFO

Pois bem. Assistente, faça uma maquiagem neles.

A Assistente faz a maquiagem nos pintores 1 e 2, mas o fotógrafo a impede de fazer em Manoel.

FOTÓGRAFO

Não, não, nele não. Você acha que faz milagres?

MANOEL

Pode tirar de ferramentas?

FOTÓGRAFO

É claro! Se não tirar de ferramenta na mão, quem ver a foto vai pensar que vocês são bailarinos.

PINTOR 2

Pode abraçar eles?

ASSISTENTE

Fica ótimo.

PINTOR 2 (*enquanto abraça os dois, coloca a plainadeira na frente do rosto de Manoel*)

Pode tirar.

MANOEL

O que que é isto?

PINTOR 2 (*falando ao fotógrafo*)

Espera aí seu moço, se o Manoel ficar do lado dele, eu acho que fica melhor.

PINTOR 1

Nada contra, mas eu acho que do lado dele fica melhor.
Empurra Manoel.

FOTÓGRAFO

Pronto, agora eu tiro.

PINTOR 2

Que tal se o Manoel ficar no meio?

ASSISTENTE

Perfeito, é só vocês dois darem um passinho pra frente.

FOTÓGRAFO

Agora fecha um pouquinho.

Os dois pintores entram na frente de Manoel.

MANOEL (*irritado*)

Que negócio é esse? Na hora do futebol pode ficar perto, mas agora não? Eu vou sair do lado de vocês dois na foto, sim.

FOTÓGRAFO

Fica aí no fundo e, se quiser, pode erguer a mão. Pra dar sensação de volume, sabe?

MANOEL (*mostrando a costa da mão*)

Assim?

FOTÓGRAFO

Não, não, vira a palma da mão pra cá.

MANOEL

Eu vou sair junto deles.

ASSISTENTEASSISTENTE

Tudo bem, pode vir do lado deles.

FOTÓGRAFO

Isto, mas não muito juntos. *Junta pintor 1 e pintor 2.* Afasta, afasta, vai.

Manoel se afasta dos pintores 1 e 2.

MANOEL

Agora eu saio?

FOTÓGRAFO

Sim! Vai se aproximando aos poucos e quando está próximo o suficiente tira a foto do pintor 1 e do pintor 2. Vai sair dez!

Tira uma foto do bolso. Na foto, apenas os rostos de duas pessoas. Mostra para os espectadores.

Canção do Mérito (Coro)

*De igual pra igual (2x)
Sou melhor que você. (2x)*

*Mas não vamos competir (2x)
Assim vou te vencer. (2x)*

Campo de guerra: a sala de aula

Peça de Teatro Fórum construída por elenco da Brigada Nacional Patativa do Assaré durante a 5ª etapa de formação com CTO, em fevereiro de 2005, no Rio de Janeiro. Posteriormente essa peça foi apresentada para as crianças da Ciranda Infantil da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, de 2005, e em Seminário Nacional sobre Educação do Campo, promovido pelo Pronera, no mesmo ano.

Personagens:

Rádio

Professor

Margarida

Marquinhos

PRÓLOGO

CORO

De lá pra cá,
De lá pra cá,
Onde é que a gente
Vai parar? (2X)

CENA 1 : A ALEGRE CHEGADA À ESCOLA

Professor liga o rádio logo após acordar.

RÁDIO

Nesta madrugada, militantes do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – invadiram a fazenda do Doutor Leôncio Silva e prometem reagir a qualquer tentativa de despejo por parte da polícia.

PROFESSOR

Putaquepariu! A fazenda do meu tio! Aquele bando de vagabundos, favelados, que não tem o que fazer! Capetas dos infernos! E eu ainda tenho que ir lá pra trabalhar. Puxa vida, se eu tivesse estudado um pouquinho mais, eu conseguiria ser classificado no concurso pra dar aula numa escola da cidade. Eu preferia trabalhar até mesmo nas piores escolas da cidade, nas mais violentas, com tráfico de drogas, tiro pra todo lado, do que dar aula pra esse bando de invasores!

O ator volta para o coro.

MARGARIDA

Puxa, que alegria! Hoje é o meu primeiro dia de aula! Será que vai ser legal como as aulas do Movimento Sem Terra, como os cursos de formação que eu participei? Nossa! Ai, eu quero me formar e ser uma professora, igual às mulheres que dão aula pra gente nos cursos. Nem vejo a hora de chegar na escola!

PROFESSOR (ainda no carro)

Puta merda! Essas estradas são uma desgraça! Que buraqueira desgraçada! Vai acabar me dando dor nas costas, e vai estourar todo o meu carro. Pergunta se eu ganho pra isso? Que nada, uma merreca!

CENA 2: CAMPO DE GUERRA: A SALA DE AULA

Três atores se posicionam nas cadeiras, demarcando o espaço como uma sala de aula.

PROFESSOR

Bom dia crianças!

MARGARIDA e MARQUINHOS

Bom dia professor!

MARQUINHOS

Olha só Margarida, é professor novo!

PROFESSOR

Como é o nome de vocês? *Marquinhos e Margarida respondem.* Nossa! É um prazer vir aqui dar aula pra vocês!

MARQUINHOS

E pra gente também é um prazer ter o senhor aqui, professor. *O professor vê a bandeira do MST na parede e se irrita. Vai até ela, arranca da parede e faz um gesto de quem vai jogá-la no lixo.*

MARGARIDA

Ê professor, essa bandeira é minha!

PROFESSOR

Então guarde-a contigo! *Joga a bandeira no colo de Margarida.* Eu não tolero essa bandeira, hoje mesmo escutei no rádio que os sem terra invadiram a fazenda do meu tio Leôncio! Eu sou contra esse movimento! Por que não trabalham pra conquistar a terra do mesmo jeito que meu tio conquistou? Ele trabalhou a vida inteira pra ter o seu pedaço de terra e agora esses vagabundos vão lá e invadem!

MARGARIDA

Ah, professor, mas a gente trabalha! Inclusive, a comida que você come é a gente que produz.

PROFESSOR

Trabalham! Vocês são é um bando de cachaceiros!

MARQUINHOS

Fica quieta, Margarida!

PROFESSOR

Bem, como hoje é o primeiro dia de aula, nós vamos estudar a história do Brasil. Quem descobriu o Brasil? Ai está a grande pergunta!

MARQUINHOS (*procura rapidamente a resposta no livro*)

Achei! Tá aqui Margarida, na página 47. Eu sei, professor!

PROFESSOR

Pois não Marquinhos...

MARQUINHOS

Foi Pedro Álvares Cabral!

PROFESSOR

Muito bem Marquinhos! Já estou até imaginando o futuro brilhante que você teria pela frente, poderia ser até um grande professor, um pedagogo! É, mas aqui onde você mora, nesse inferno, o máximo que você pode ser é um catador de lixo aqui do assentamento! O lixo da cidade ainda é de mais qualidade do que o lixo do assentamento!

MARQUINHOS

Mas eu posso mudar, professor!

MARGARIDA

Como é isso, Marquinhos? Você estuda em cursos do MST, de formação, que fala sobre a História do Brasil, e você vem dizer que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral?

MARQUINHOS

Olha aqui Margarida, lá no MST eles têm um tipo de verdade, pra eles não aconteceu descobrimento porque os índios já moravam aqui, o que aconteceu foi massacre, etc, e cá pra nós, eu prefiro essa versão da história também. Mas aqui o professor e essa escola ensinam um outro tipo de verdade, e não acreditam naquela versão, então se a gente quiser passar de ano sem problemas, o melhor que temos a fazer é repetir essa versão, mesmo que não acreditemos nela.

MARGARIDA

Ô Marquinhos, as coisas não podem ser assim, como é que pode, você estudar tudo isso pelo Movimento e falar desta forma. Professor, como é que pode logo no primeiro dia de aula você falar uma mentira desta? Estava aqui toda empolgada e você afirma que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil!

MARQUINHOS

Não seja louca Margarida, não podemos desafiar o professor assim!

PROFESSOR

Silêncio! Eu exijo respeito! Aqui quem manda sou eu! Que é isso, Margarida?! Menina mal criada! Sem educação! Logo no primeiro dia de aula, você já chega toda rebelde?!

MARGARIDA

Ah Professor, eu também tenho direito de falar.

PROFESSOR

Eu não posso suportar esse tipo de coisa dentro da sala de aula! Uma sem-terra querendo dar opinião aqui na sala de aula?! Querendo saber mais do que eu?! Vai embora pra sua casa, você está suspensa por dois dias e só volta aqui com seus pais!

CORO

De lá pra cá,
De lá pra cá,
Onde é que a gente
Vai parar? (2X)

MARGARIDA

Pois bem Professor, eu vou me formar, ser uma professora, para eu ensinar uma história verdadeira que é a realidade do nosso país.

O professor dá uma gargalhada.

Mulher da roça

Construção coletiva do Coletivo Peça pro Povo, do MST/RS, em janeiro de 2005. Posteriormente essa peça foi gravada como rádio-teatro, e durante a Marcha Nacional pela Reforma Agrária (2005) foi encenada ao vivo como rádio-teatro para os doze mil marchantes conectados com rádios individuais na rádio *Brasil em Movimento*, situada no caminhão de som principal que acompanhou a marcha.

Personagens:

Joana

Zé Vicente

Comadre Chica

Tio Sam

Coro

CENA 1 - AGRICULTURA FAMILIAR

CORO

Eu vou, eu vou
Pra roça agora eu vou
Eu vou, eu vou
Pra roça agora eu vou ...

Conversa na roça

JOANA

Que calor, né home?

ZÉ

É mesmo!

JOANA

Mas se chovesse daria feijão dos bão.

ZÉ

Pois é muié véia, eu tava até pensando numa tal de soja transgênica, diz que é só plantá que ela resiste a tudo, deu até na TV, numa propaganda dessa tal de Monsanto, parece que produz muito mais e é mais barato, e nós nem precisemo ficar o dia todo na roça.

JOANA

Mas se nós só plantemo soja, o que é que vamos dar de comer pros nossos filhos, marido?

ZÉ

Deixa de ser boba. Nós vamo ganhar mais dinheiro e menos

preocupação. Com esse clima do jeito que anda, esse sol de rachar, nem vamo precisá mais se cozinhar nesse calor.

JOANA

Não sei não, Zé.

Saindo da roça e indo pra casa. Na cozinha.

ZÉ

Ô muié, me faça um chimarrão.

JOANA

Faz você, ué, não percebe que eu tô fazendo a bóia pra nós?

ZÉ

Deus que me perdoe, não sei pra que casei, então!

JOANA

Pois eu casei pra ser tua companheira e não tua escrava.

ZÉ

Êta mulherzinha incomodativa, tá ficando muito folgada.

Ele mesmo serve o chimarrão.

CENA 2 - AGRONEGÓCIO

Entra Tio Sam. Ao fundo, som musical de violão. Ele fala em português, com forte sotaque. Algumas palavras em inglês são pronunciadas.

TIO SAM

Eu, I am, eu sou, the solution, a solução, de sus problems, para seus problemas, para os problems de Brasil. Trago comigo o agronegócio, a semente transgênica, a monocultura, a tecnologia de ponta, e muito money no bolso. E sabem para que tudo isso? Para melhor desenvolvimento e progresso da desumanidade, ah, quer dizer, da humanidade.

CORO

Plantá, plantá

Plantá soja pra mudá?

Plantando soja nós vamo enricar *(fazendo sinal negativo)*

Ao mesmo tempo do coro, Tio Sam vai indicando ao Zé onde ele deve plantar a semente, com o objetivo de encurralar o público. Joana vai atrás do marido fazendo caretas. Será que é uma boa solução? Pode ser, mas...

CORO

Tem comida em sua mesa

Agradeça ao estrangeiro

O Brasil exporta mais

Agradeça o estrangeiro

Sua lavoura produz mais

Agradeça ao estrangeiro

Agronegócio é coisa boa

Agradeça ao estrangeiro

CENA 3 - O CONFLITO

Joana está lixando as unhas e ouvindo músicas doidas em som altíssimo. Ela dança assistindo TV. A comadre Chica bate na porta e chama por Joana, que custa ouvir.

COMADRE CHICA

Comadre! Ô comadre! *Plaft, plaft, plaft...* Já gritando Comadre Joana!

JOANA

Ô comadre, entre.

COMADRE CHICA

Tudo bom comadre? Quanto tempo!

JOANA

Eu até tava com saudade, Chica!

COMADRE CHICA

Comadre, o que aconteceu com a tua horta tão bonita e as galinhas que corriam no terreiro?

JOANA

O Zé vendeu as galinhas e terminou com a horta para plantar soja.

COMADRE CHICA

Mas comadre, tu permitiu? Tu não sabe que isso vai ser a destruição dos pequenos agricultores, dos assentados?

JOANA

Na TV mostra que nós vamos todos enriquecer plantando soja transgênica.

COMADRE CHICA

Isso não é verdade Joana, eles mostram isso para enganar os agricultores. Vocês não têm participado das discussões do Movimento?

JOANA

Não temos tempo.

COMADRE CHICA

Como assim? Tu sempre tiveste tempo de participar, ajudava nas lutas, nos encontros, eu estou te achando muito desanimada.

JOANA

É comadre, as coisas não estão fáceis. Achei que a vida ia ficar melhor, mas não, me sinto uma inútil, sem nada para fazer. Não estudo mais, não participo das lutas... Tô muito desgostosa com essa minha vida.

COMADRE CHICA

Comadre Joana, vamos voltar pra luta, vamos pra marcha de Brasília, pode levar as crianças, vai ter ciranda e escola itinerante.

JOANA

Será, comadre? Vou pensar melhor.

COMADRE CHICA

Então pense. Num outro dia eu volto para saber, até logo.

CORO

Pensar, pensar, pensar agora eu vou...

Zé Vicente chega, todo arrumadinho.

ZÉ

E aí muié, tudo pronto?

JOANA

Quase, meu marido.

ZÉ

Mas pelo jeito teve gente por aqui?

JOANA

Teve sim, foi a comadre Chica.

ZÉ

O que ela queria? Sim, porque aquela, quando aparece, não presta.

JOANA

Ela veio me convidar pra marcha dos Sem Terra.

ZÉ (*espantado*)

Tá loquiando agora muié? Nem pense nisso. Nosso tempo de marchá já se foi, a gente já tem terra e vive bem.

JOANA

Pior é que tô pensando em ir.

ZÉ

Ah! mas não vai mesmo. Tu já tem tudo o que tu queria: as pintura, as panela, essas modernidade, até comprei duas TV's pra tu, o que que tu vai querer com marcha?

JOANA

Duas TV's não, véio, um é o tal de microondas. *Virando-se para o público* Ele sempre foi meio burrinho, desde mocinho, coitado! *Para ele* E despois eu vou marchá sim, quero ajudar na luta que ainda é nossa também.

ZÉ

Muié, tu tá me afrontando, eu já tô ficando vermeio de brabo, meu bigode já tá suando de desgosto.

JOANA

Pois o problema é teu. Eu tô indo, porque em casa fico só criando bunda e assistindo essas porcarias de TV, que só deixam a gente iludida.

ZÉ

Mas se é esse o problema, essa tua bunda tá por demais de boa.

JOANA

Zééé! Tu tome jeito, porque até já trocou nossa cama de casal por uma de solteiro pra sobrar mais espaço pra plantação da tal transgênica.

ZÉ

Muié, eu já te disse. Não vai e pronto!

JOANA

Tu tá é muito machista mesmo, tu tinha melhorado um pouquiíiiiiiiinho, agora tá desse jeito.

CORO

Será que ela vai?

Vai, vai, vai

Será que ela não vai?

Será que ela vai?

Vai, vai, vai

Será que ela não vai?

AGITPROP

A peleja de boi bumbá contra a águia imperiá

Peça construída coletivamente pela Brigada Nacional Patativa do Assaré, durante a segunda etapa de formação de curingas do MST com o Centro do Teatro do Oprimido (CTO), em junho de 2001, no Rio de Janeiro, com direção de Augusto Boal. A peça foi apresentada pelo elenco da Brigada Nacional no encontro nacional de curingas promovido pelo CTO em dezembro de 2001 no Rio de Janeiro, no 10° Encontro Nacional do MST, em janeiro de 2002, em Belo Horizonte e no II Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em fevereiro de 2002.

Personagens:

Capitão	Boi de Goiás
Mr. Alca	Boi do Amazonas
Boi do Ceará	Boi do Maranhão
Boi do Piauí	Boi de Sergipe
Boi do Rio Grande do Sul	Boi da Paraíba
Boi do Paraná	Boi de Pernambuco
Boi de São Paulo	Boi do Espírito Santo
Boi do Rio de Janeiro	Boi da Bahia
Boi de Minas Gerais	

CAPITÃO

Atenção! Muita atenção! Senhoras e senhores! Respeitável público! O CTO-MST tem o prazer de apresentar “A peleja de boi bumbá ...

MR. ALCA

... contra a águia imperiá!”

CAPITÃO

Vamos repartir o boi!

Entra o grupo contando a “Partilha do Boi”:

Ê boi ê boi ê boi do Ceará
Quem não gosta deste boi
Quer nos americanizar

Ê boi ê boi ê boi do Piauí
Quem não gosta deste boi
É do FMI
Moom é do FMI

Ê Boi ê boi ê boi do Maranhão
Quem não gosta desse boi
Não mantém a tradição
Moom não mantém a tradição

Ê boi ê boi ê boi da Paraíba
Quem não gosta desse boi
Desconhece Margarida
Moom desconhece margarida

Ê boi ê boi ê boi de Minas Gerais
Quem não gosta deste boi

São as multinacionais
Moom são as multinacionais.

Ê boi ê boi ê boi do Rio de Janeiro
Quem não gosta deste boi
É o capital estrangeiro
Moom é o capital estrangeiro

Ê boi ê boi ê boi do Rio Grande do Sul
Quem não gosta desse boi
É a favor do Mercosul
Moom é a favor do Mercosul

Ê boi ê boi meu boizinho de Sergipe
Quem não gosta deste boi
Vota em Fernando Henrique

Vamos repartir o boi minha gente?
Vamos!

Pra onde vai a tripa fina?
Vai pra Jovelina
E um bom taco do filé?
Pra patativa do Assaré
A buchada e o mocotó?
Pra turma do CTO
Pra quem a língua do boi?
Pra Caterine já foi
E a cabeça e o coração
Vai pra toda a nação
Ê boi o boi ...

MR. ALCA

Stop! Stop! Stop! (*cantarola o ritmo da música N.Y*)

CAPITÃO

Vamos cantá gente!

MR. ALCA

Stop! Stop!

CEARÁ

Quem é você?

MR. ALCA

O que?! Quem sou?! Mr. Alca!!!

PIAUI

Quem?! Mr. Alca?!

MR. ALCA

No! No! Mr. Alca! Representante da Águia Imperiá! Little friends, ladies and gentleman, a apresentação de vocês até que é interessante, mas isso aí não combina mais com o Brasil moderno de hoje! Eu venho lhes trazer uma proposta tentadora.

PIAUI E CEARÁ

Tâ! Tâ! Tâ! Tâânnnnn!

CAPITÃO

Mas que proposta é essa?!

MR. ALCA

Venho convidar vocês para participar da Área de Livre Comércio das Américas, sob meu patrocínio. Nós, filhos do grande irmão do norte, decidimos oferecer uma grande oportunidade para que vocês, irmãos pobres do continente, menos Cuba é claro, enriqueçam em um curto espaço de tempo. Como? Decidimos acabar com as tarifas

alfandegárias e com todas as barreiras econômicas! Vamos criar um único bloco comercial no continente! De modo que vocês poderão adquirir nossos sofisticados produtos e nós compraremos as suas quinquilharias. Tudo isso a preço de banana. A propósito, nós compraremos as suas bananas também! Mas tudo isso com uma condição!

PIAUI E CEARÁ

Tâ!Tâ!Tâ!Tââânnnnn!

CAPITÃO

Opa!

MR. ALCA

Trocar esse boi por essa formosa águia!

CAPITÃO

Não meu povo! Não podemos aceitar que acabem com o nosso boi! O nosso boi brasileiro! E deixar que ele seja substituído por esse símbolo que vem do estrangeiro!

MR. ALCA

Deixe de besteira! Esse negócio de cultura nacional é coisa do passado. Cultura é mercadoria! Com a Coca-cola, a Nike, e o hamburger vocês já começaram a avançar. O boi tem é que se modernizar. O passo agora é privatizar.

CAPITÃO

Não! O boi bumbá é alimento cultural! Que é servido em todas as mesas do Brasil, para pobres e ricos, índios, pretos e brancos, homens e mulheres, jovens e senis.

MR. ALCA

Por isso que o Brasil é atrasado! Tem como símbolo cultural um bicho como o boi ! Enquanto o boi caga e baba no chão

a águia soberana e encantadora baila formosa pelos ares conquistando o mundo.

CAPITÃO

O nome boi vem de longe, é nossa raiz popular! É tradição e costume do nosso Brasil nação! Muito mais que sua águia que voa vale o nosso boi aqui no chão.

MR. ALCA

O que o senhor tá dizendo não é o que os meus olhos estão vendo. Come here! Come here my captain! My captain, em particular, o senhor fica com a fama, vai pra TV e lança CD! Enquanto eu gerencio o capital! O que acha?

CAPITÃO

Vamos resistir meu povo! Não de ouvido a esse estrangeiro. Não vamos permitir que esse tal de mister acabe com o boi bumbá, pois se acabar com o boi como é que os Estados vão ficar. Vamos repartir o boi! Vamos repartir o boi! (*cantam o início da música*) Pra onde vai o boi do Ceará? Ceará do povo jangadeiro, de Patativa da Assaré, então como é que é? Pra onde vai o boi do Ceará?

MR. ALCA

Ceará! Quá! quá! quá! Tio Patinhas, Pato Donald, melhor dizendo McDonald's. Ceará, televisão, vô dá uma empresa de avião!

CAPITÃO

Pra quê? Já temos a Embraer!

MR. ALCA

Qual é, a Embraer tá fálida, deixe de resistência, não queremos concorrência. E cala a tua boca se não vou denunciar aquela história da vaca louca!

CAPITÃO

E pra onde vai mesmo o boi do Ceará?

MR. ALCA

Vai de avião pro Canadá!

CAPITÃO

Etã que lasqueira, lá se foi o boi do Ceará! E agora me diga meu povo, pra onde vai o boi do Piauí? Piauí do Parnaíba, do sítio arqueológico Raimundo Nonato e da Lenda do Cabeça de Cuia. Então meu povo pra onde vai o boi do Piauí?

MR. ALCA

Piauí precisa de dólar do FMI. Pra construir hidrelétrica pra solucionar o problema do apagão e projeto de irrigação pra resolver a seca do sertão.

CAPITÃO

Isso é desculpa pra privatização. Pra vendê o velho Chico, o nosso rio da integração!

MR. ALCA

Vai dizê que isso não é bom?!

CAPITÃO

Pra onde é que vai o boi do Piauí?

MR. ALCA

Eu digo e vô repeti. Boi do Piauí vai pras garra do FMI!

CAPITÃO

Eta peste já foi dois. Mais esse num leva não porque esse é o boi do Maranhão. Terra de Gonçalves Dias e do reggae brasileiro, aqui é que num vai mais entrá estrangeiro. E então pra onde vai o boi do Maranhão?

MR. ALCA

Já que você falou em integração, tá a globalização, com a base de Alcântara vocês vão ter o mais moderno sistema espacial, eis a grande vitória do capital!

CAPITÃO

Eis aí uma coisa ilegal, invadir a nossa zona espacial burlando a nossa soberania nacional. Aí é entrega total!

MR. ALCA

Deixe de besteira homem que isso não faz mal, globalização, união, evolução, sem precisa do poder sair das nossas mãos.

CAPITÃO

Vamos sair do Nordeste que o negócio tá bravo! Vamo vê pra onde vai o boi do Paraná. Terra de erva mate, da congada das araucárias, e dos guerreiros do Contestado. Eu aposto que esse boi não vai. Então meu povo, pra onde vai o boi do Paraná?

MR. ALCA

Paraná, a moda country que tá pegando por cá: botas, cintos, fivelas, chapéus de cowboys. É uma base militar para ajudar o governador.

CAPITÃO

Vixe Maria que terror! Não estou acreditando! Essa base militar é pura roubalheira! Foz do Iguaçu já estão levando! Então pra onde vai o boi do Paraná?

MR. ALCA

Vai pra OEA, pra garantir a segurança contra o terrorismo internacional. Foz do Iguaçu é questão estratégica na defesa contra o mal!

CAPITÃO

É, vamo pro Centro-Oeste, pra onde vai o boi de Goiás? Goiás do arroz do pequi. Esse não sai daqui!

MR. ALCA

Vamo aplica muito dinheiro na Chapada dos Veadeiros: turismo ecológico: rafting, canoagem, skate e outras bobagens. E no nosso plano de expansão, já estamos perto da capital federal, pra garantir nosso quintal.

CAPITÃO

Isto é sacanagem! Tá cheirando a ladroagem. E quem vai levar o boi do Goiás?!

MR. ALCA

Goiás vem pra nós que temos mais!

CAPITÃO

Já to ficando arretado! Vô te mostra um boi de cano! Boi do Maracatu, do forró de Gonzagão! Terra de Virgulino Lampião!

MR. ALCA

Eletrifico o forró, e transformo em rock o frevo e Maracatu. Todo mundo vai dançar ao som do Indigo Blue.

CAPITÃO

Ô xente, tá maluco, eu já tô ficando avexado, pra onde vai ficando o boi pernambucano?!

MR. ALCA

Esse vem pra nós, pros norte-americanos!

CAPITÃO

Poxa! Tô ficando preocupado. Essa foi demais! Mais o boi de ferro tu não leva não, que é o boi de Minas Gerais. Terra dos inconfidentes, Guimarães Rosa, muito ritmo e prosa. Então como fica o boi das Minas Gerais?!

MR. ALCA

Fiat, Mercedes, Coca-Cola e a modernização das empresas

que nós acabamos de comprar: Vale do Rio Doce e Usiminas. E precisa de mais?! Esse boi já pertence as multinacionais! Gerando emprego até demais!

CAPITÃO

Credicruz, folia de reis, vou rezá pra seu espanto! Vá logo me dizendo pra onde vai o boi o Espírito Santo?!

MR. ALCA

Pra incurtá a transação, e aumentá a tecnologia de transgênicos na produção, vô já lhe respondendo que o boi do Espírito Santo vai pra Monsanto!

CAPITÃO

Oxalá vixe maria, quem vai levá o boi da Bahia? Candomblé, Castro Alves, capoeira e magia. Pra encerra me diga qual o destino do boi da Bahia?

MR. ALCA

Esse vai pra Ford e companhia. Segundo ACM, gerou milhões de empregos melhorando a qualidade de vida do povão.

CAPITÃO

Ufa já tô cansado, mas tem um boi que tu não leva, é o boi de São Paulo. Mas esse é coisa de espião, é melhor nem perguntar. Sobre o boi de São Paulo, qual destino terá?

MR. ALCA

Mais industrialização e uma agência da Cia pra acabar com a criminalidade, com a baderna e com a sua indignação!

CAPITÃO

E o boi de São Paulo que tal?!

MR. ALCA

Já tá no bolso do Banco da Mundial!

CAPITÃO

Epa! Já se foram quase todos! Mas esse não vai não senhor! Porque esse é o boi do Rio Grande do Sul, do Chimarrão, dos Pampas, do Érico Veríssimo, do FSM. Esse, cabra da peste, tu não carrega nem a pau!

MR. ALCA

Deixe de asneira, o Rio Grande do Sul já tá na fronteira do comércio internacional. Vê limpá daqui essa sujeira que se chama Fórum Social Mundial! Vê acaba com a utopia cortando as suas asa!

CAPITÃO

Me diga que eu já tô ficando azul, pra onde vai o boi do Rio Grande do Sul?

MR. ALCA

Já estou diluindo no Mercosul!

CAPITÃO

Só resta um! Esse é de muita riqueza vc não carrega com certeza! É o boi do Amazonas, Cobra Norato, boto cor de rosa e pedra preciosa. Esse tu não tosa. E o boi do Amazonas como é que é?!

MR. ALCA

Amazonia é o meu filé! Pulmão do mundo! Vê protege a fauna e a flora da região e fabricá remédio pra auto-sustentação.

CAPITÃO

Já levaram tudo! Esse boi é a salvação. Esse boi é viril, como é que fica meu povo, pra onde vai o boi do Brasil?!

MR. ALCA

Vai pra puta que pariu!!!

História do Brasil

Peça construída para o Grito dos Excluídos, em setembro de 2005, durante a “Semana da Pátria”, pela Brigada de Cultura do MST/MS Filhos da Terra, baseada na crônica de 19 de maio de 1888, de Machado de Assis, publicada em sua coluna “Bons dias!”.

Observação: as crônicas que Machado de Assis publicou nessa coluna estão publicadas no livro “Bons dias! Crônicas (1888-1889). Edição, introdução e notas de John Gledson”. São Paulo: Hucitec/Editora da Unicamp, 1990.

Personagens:

Sr. Portugal

Sr. Espanha

Sr. OMC

Brasil

Narrador

Declamador

Todos entram cantando a música “Verdade Irônica”.

Brasil mostra sua cara
Tire esta máscara
Que está desbotada.
Contar a verdadeira história
Que está na memória
Dessa classe explorada.
Romper com o FMI,
Vamos investir
Em obras sociais
Porque já estamos cansados
De sermos enganados
Pelas multinacionais.

Ó pátria amante
Tu és idolatrada
Um país com essa riqueza
E pra nós não sobra nada *(Bis)*

Ó presidente,
Obrigada pelo emprego
E o corte no seu dedo
É um pedaço exportado.
Vivemos numa grande mordomia
Como carne todo dia
Com o aumento que foi dado.
Mas, o filé não é só para o patrão
É também pra exportação
E os amigos do senado.
Com muita honra,
nós ficamos muito gratos
Com transgênicos importados
Colocados em nosso prato

(Em ritmo de rap)
Jogaram em nosso prato
Um pouquinho de esmola
Vale gás e fome zero
E também o bolsa escola *(Bis)*

Espia, o tal do agronegócio
O governo ficou sócio
Isto é uma roubada.
Depois de ter chegado no planalto
Falou grosso e falou alto
Reforma na canetada.
Agora o mandato está acabando
E o povo está perguntando
Cadê a reforma agrária?
Devemos fazer o que o povo diz
Pra mudar este país
Os aluno é necessário.

Devemos fazer o que o povo diz
Pra mudar este país
@s professor é necessário.

Devemos fazer o que o povo diz
Pra mudar este país
Reforma agrária é necessária.

Ó pátria amante tu és idolatrada
Um país com essa riqueza
E pra nós não sobra nada *(Bis)*

Entra o narrador e faz uma pequena explicação do que é a peça.

CORO - PRIMEIRO MOMENTO

“UMA VEZ COLÔNIA, SEMPRE COLÔNIA”

O Sr. Portugal, que está vestido com roupas velhas, por sua situação na época, entra cheio de panca, pega o Brasil pela coleira e o leva até o centro.

SENHOR PORTUGAL

Eu pertenço a uma nobre família de Portugal, ou melhor, eu sou Portugal. Por isso digo, e juro se for necessário, que toda esta história de “Independência do Brasil” já estava por mim prevista, tanto é que antes da peça tratei de libertar o Brasil por seu merecimento. Libertá-lo, para mim não era nada, porque uma vez colônia, sempre colônia. Assim, reuni mais ou menos... *Pausa* ...duas pessoas para fazer tal coisa: eu, é claro, e meu mensageiro. Mas a história conta que foi um exército!!! *O coro faz um fundo musical, com o Hino Nacional, em gromelô, até a parte que o Brasil morde a perna de Portugal* No golpe do meio levantei a minha espada, acompanhada dos ideais que pregava Cristo, a dezoito séculos atrás, e constituí a tão sonhada independência da minha colônia Brasil *Dá uns petelecos na cabeça do Brasil.* Concluí que as outras nações deveriam seguir o mesmo exemplo e dar a tão sonhada independência, que é um dom de Deus. Também que as outras nações não podiam roubar a liberdade das colônias, sem pecado. A colônia inteira, inclusive índios e negros, veio correndo abraçar-me os pés. *O Brasil morde os pés de Portugal e depois faz xixi, como se fosse cachorro.* Muitas das nações amigas comemoraram este nobre ato, inclusive os

Espanhóis e os Ingleses. Ouvi, meio cabisbaixo, as comemorações e assim, dei o tão esperado grito: "Independência ou Morte". E hoje, todos os livros de história nos contam, comovidos e com admiração, a história desta nação! Então, eu disse ao inocente Brasil: agora tu és independente e aqui tens um amigo quando precisares. Ofereci a ele meu ombro e apoio, *pisa no ombro do Brasil* mas o Brasil preferiu o apoio dos Ingleses. É, os Ingleses, boa gente. *Portugal congela.*

CORO - SEGUNDO MOMENTO

“UM OMBRO AMIGO”

Entra a Inglaterra, pega na mão do Brasil e faz que vai ajudá-lo a se levantar, mas segura-lhe a cabeça com a outra mão.

SENHOR INGLATERRA

Brasil! Você tem que ser um país livre, soberano, independente, assim como nós, Inglaterra. E nós vamos apoiar, prestaremos solidariedade! Pois somos irmãos, camaradas, companheiros. Queremos fazer uma proposta de irmão para irmão! Assim, juntos, ficaremos ricos. *Faz gesto de dinheiro, com as mãos.* Ficaremos muito fortes *Faz gestos de mostrar os músculos, com os braços.* Mais poderosos. *Gestos como se tivesse com uma espingarda, apontando para o Brasil, que se encolhe de medo.* Mas temos um porém, somos um país pobre, vocês têm que nos ajudar, pois não podemos ficar no prejuízo. E vocês são um país rico. *Brasil faz gesto que não.* Rico em “recursos naturais”, minerais, petróleo, carvão, uma enorme biodiversidade. Nós, a Inglaterra, temos as indústrias, e juntos dominaremos o mundo. Por isso, Brasil,

tu tens que ser livre. *Levanta o Brasil e abre seus braços, como se estivesse ensinando-o a voar. Passa-lhe uma rasteira e o Brasil cai. A Espanha o ajuda a levantar, como se estivesse fazendo um favor. Brasil! Liberdade é um dom de Deus, liberdade é um dom de Deus! Congela com as mãos para cima.*

Entra o narrador declamando a poesia “Satanás desocupado”.

NARRADOR

Satanás desocupado, teve uma idéia infernal,
De criar uma serpente pra fazer somente o mal .
Pegou dez cachorros doidos, leite de canguru
A urina de três gambás e a tripa de um urubu.
O espírito de Caim, cachaça de cana preta
Vinte quilos de maconha e a capa do capeta
Veneno de cem lacraias e um litro de estricnina
Vinte cobras cascavéis e um quilo de cocaína.
Um litro de gramocil, algumas bicheiras de porco
Vinte doenças do mundo e um marimbondo caboclo.
Tudo isso colocado numa panela a ferver
Assim, criou forma de gente como o diabo quis fazer.
Satanás achando pouco misturou merda de porco
Até achar que ficou a puxe.
Ao soltá-lo pelo mundo batizou o vagabundo
Por George W. Bush.

CORO - TERCEIRO MOMENTO

“ÀS VEZES, É NECESSÁRIO A GUERRA, PARA GARANTIR A PAZ”

NARRADOR *(como se fosse um apresentador)*

Quero convidar o Senhor OMC.

SENHOR OMC *(entrando com pose)*

Quero agradecer aqui... *Toca o celular* Oh! Vibrou, vibrou! Com licença, por favor. *Atende ao telefone e conversa. Volta-se para o apresentador.* Desculpe, é uma ligação importante, é dos EUA, o Bush. Inadiável.

As pessoas que estão no coro se posicionam como espectadores para assistir o Sr. OMC.

SENHOR OMC *(sentindo-se desconfortável)*

Preciso de um objeto, alguma coisa para segurar o meu discurso.

O Brasil acena com as mãos e pede para segurar, ajudar. Pula feliz e vai para o palco.

SENHOR OMC

Pode ser o Brasil. Bom, como ia dizendo, quero agradecer ao Brasil por esta oportunidade de explicar alguns mal-entendidos, que contribuíram para a estagnação de algumas das negociações, como por exemplo, a ALCA, a Base de Alcântara, no Maranhão, etc. E a demora destas negociações é muito ruim para o Brasil, que está num processo de desenvolvimento. Não podemos dar ouvidos a manifestaçõeszinhas de qualquer movimento que se diz social. Queremos dizer a vocês, que os EUA, realmente, está preocupado com os interesses econômicos das multinacionais que se preocupam com o desenvolvimento do nosso país, quero dizer, o país de vocês. Quero também dizer que os EUA foi o primeiro país a se preocupar com a paz mundial, foi quem criou a ONU. Aliás, desculpe!

Contribuiu com a criação da ONU, que é um órgão criado para garantir que os direitos humanos sejam respeitados, para que a paz no mundo seja garantida. *Algum ator, que está meio do público, pergunta das bombas, da fabricação massiva de armas, dos ataques recentes, etc.* Mas isso foi feito para garantir a paz! Que estava sendo ameaçada por esses países terroristas. Mas nós dos EUA sabemos que, mesmo nestes países, existem pessoas oprimidas, por isso nós apoiamos na reconstrução do país, inclusive na criação de uma cultura...mais... globalizada! E tenho certeza de que estamos indo no rumo certo. Tanto é que a prova disso é que o presidente dos EUA, George W. Bush, e o primeiro ministro da Inglaterra, Tony Blair, receberam o Prêmio Nobel da Paz. Então, se fosse terrorista, não iria receber um prêmio tão respeitado como este. Continuando, quero dizer que nós queremos diminuir a desigualdade no mundo. Então, agora, para encerrar a palestra, ah, quer dizer, a nossa conversa, quero dizer que continuamos as nossas negociações, pois nós estamos preocupados com nosso Brasil. Sinto-me até emocionado, com vontade de chorar, com tanta injustiça que nos é cometida injustamente, dizendo que o pobre do coitado do Bush é um terrorista. Isto é uma verdadeira calúnia. Na verdade, sua verdadeira intenção, é proteger o mundo dos terroristas. Estamos preocupados, como já dissemos, com a paz mundial. Quero terminar com uma frase que representa o nosso verdadeiro e sincero sentimento. Isso dói mais em mim do que em vocês: “Às vezes, mas só às vezes, é preciso a GUERRA para garantir a PAZ”. Agradeço a todo o povo do Brasil, que eu amo de coração.

Entram todos os atores e levantam bruscamente o Brasil, que está meio capenga e fraco. Ficam em linha reta, de frente para o público. Congelam segurando as mãos. Não mais como personagens, cantam em coro.

CORO

O povo grita, a voz se cansa,
mas nem que insista, isso adianta (2X)
Maldita dominação, (*apontando o dedo indicador para frente*)
Pobres oprimidos, (*a mão voltada para o peito*)
Pobre nação... (*com os braços abertos indicando que todas e todos
somos a nação*).

Entra uma pessoa recitando a poesia “500 anos”.

O povo brasileiro
Tem guardado na memória
O que os quinhentos anos
Esqueceu em nossa História.

Tudo que realizamos
Precisamos avaliar
Pra não cometer outros enganos
E de novo voltar a errar.

Está estampado em cada rosto
Não adianta esconder,
A nação sente desgosto
Com esse jeito de viver

A maior riqueza do planeta
Se encontra neste país
Por isso a nação pergunta
Porque somos infelizes?

A maior riqueza desta terra
Pertence à União
Mas ao privatizar
Não consulta a nação.

Falo muito em liberdade
Numa grande democracia,
Mas se disser muita verdade
Pode não ver o outro dia.

Neste país tudo tem um preço
A coisas que se duvida
Eu não sei quanto mereço
Quanto vale sua vida?

Está tudo dominado
Como diz o inimigo
O país mais cobiçado
Começou a ser vendido.

Já não temos tanta fortuna
O Brasil dos brasileiros
Está trocando a identidade
Pra país do estrangeiro.

A natureza é cada vez mais pobre
Tudo está se acabando
Até a água, como pode,
Cada rio ter um dono?

As máquinas tecnológicas
Vieram em nosso cotidiano
Mas mudaram sua lógica
E desempregou o ser humano.

Nos tornamos dependentes
Mas onde vamos chegar
Já controla a semente
De o agricultor plantar.

Criaram os transgênicos
Porque a produção natural era pouca
Tal grande descoberta
Trouxe o mal da vaca louca.

É o mundo diferente
Onde a vida não tem valor
O trabalho da nossa gente
Poderá ser feita por robô.

O nosso salário mínimo
É dos menores do planeta terra
Também é dos países assassinos
Mata mais do que uma guerra.

Precisamos dizer ao inimigo
O que é errado, e o que é certo
E dizer aos Estados Unidos
Vai cuidar do seu deserto.

Vamos todos dar as mãos
E provar para o estrangeiro
Que quem manda nessa Pátria
É o povo brasileiro.

A bundade do patrão

Peça de agitação e propaganda construída coletivamente pelo Coletivo Peça pro Povo, do MST/RS, em janeiro de 2005. A peça discute, por meio da comédia política, a modernização das táticas de cooptação da classe empresarial contra a classe trabalhadora, e a crise de atuação do sindicalismo urbano.

Personagens:

Teresa – que trabalha há 15 anos na fábrica

Mariana - grávida

Aline - 17 anos

Sindicalista

Laura - a queridinha/amante do patrão

Guilherme - 18 anos, todo certinho,
está no seu primeiro emprego

Marco Aurélio - Patrão

PRÓLOGO

Elenco entra em fila, cantando a música por três vezes.

Senhores patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum.
Façamos, nós quem conquistamos
A terra-mãe, livre e comum.

A cada parada, há uma convocatória.

ALINE

Venham, venham todos! Mulheres, crianças, homens bonitos. Você! É tú mesmo! Tú do olho “verde” *Ou outras características que venham a ter os espectadores.* A maior peça de teatro do planeta dos humanos, do meu patrão, “A bundade do patrão”.

Outro personagem faz uma convocatória semelhante à da Aline. Depois de cantar a música, todo o elenco se organiza para a apresentação. Um dos personagens vira-se para o público e diz: A...

TODOS *(virando a bunda para o público e rebolando sincronizadamente)*

...bundade do patrão.

CORO *(de frente para o público, cantando em ritmo de rap)*

Chegou a hora da verdade,
Não tem jeito não,
Chegou a hora de ver
o que quer o patrão! *(2 ou 3X)*

Cada personagem se destaca e canta sozinho uma parte do rap, que é repetido, depois, por todos.

TERESA

Meu patrão é muito bão,
meu patrão é bão demais,
vou ficá do lado dele,
porque meu patrão é bão.

ALINE

Vocês pensam demais,
em puxá saco de patrão,
vocês precisam pensar
é na sua condição!

MARIANA

Meu patrão era tão bão,
meu patrão era tão bão,
mas agora que estou grávida
quer me dar a demissão!

GUILHERME

Esse é o meu primeiro emprego
eu quero assegurar,
porque desempregado
eu não vou ficar!

LAURA

Assim não saio não,
assim não saio não,
quero a minha parte
ou vou ferrar o meu patrão!

SINDICALISTA

Todos iguais no Sul e no Norte,
os patrões exploram os trabalhadores
até a morte!

Todos se sentam num banco e ficam apreensivos, esperando a chegada do patrão.

CENA 1 - ANTES DA REUNIÃO

TEREZA

O que será que o patrão quer? Alguma coisa, que não ia chamar todos por chamar.

GUILHERME

Será que é por causa da gravidez da Mariana?

ALINE

Não, não! Eu aposto que isso é coisa de gente daqui de dentro. *Aponta para a Laura, com ironia.*

SINDICALISTA

O que será? Coisa boa não deve ser.

Entra o patrão por trás deles. Tosse.

MARCO AURÉLIO

Que bom encontrá-los todos aqui. Porque o que tenho a lhes dizer é de suma importância. A minha empresa está passando por um momento muito difícil e para contornar a situação, precisaremos tomar medidas de contenção de despesas. Portanto, a medida é a demissão, e vocês, como se conhecem muito bem, escolham entre si quem deixará a minha empresa.

CORO *(intercalando as vozes)*

Eu disse que era demissão, eu falei, eu tinha certeza, daí.

MARCO AURÉLIO *(quando já ia embora, dando meia-volta)*

Ah! Já ia me esquecendo. Pra vocês verem como eu me preocupo com vocês, pensei em tudo. Para não sobrecarregar os que ficarem com a carga de trabalho daqueles que vocês demitirem, eu comprei uma máquina moderna, que substituirá a mão de obra de dois de vocês.

CORO

Joga a bomba em nossas costas criando confusão, o patrão se fortalece com a nossa divisão! *Duas vezes pegam as lanças e se direcionam ao público, sussurrando* Eu quero ficar, eu tenho que ficar.

TEREZA

Eu tenho que ficar, eu sou viúva, tenho quatro filhos pra sustentar, pago aluguel, eu tenho 15 anos de fábrica, por isso eu tenho que ficar, o que vai ser de mim?!

ALINE

Eu tenho que ficar! Essa velha está aqui há 15 anos, o Guilherme chegou ontem, a Mariana tá grávida, amanhã ou depois sai pra cuidar do filho, é até perigoso ficar no emprego, eu tenho apenas 17 anos, eu tenho que ficar, o que vai ser de mim?!

MARIANA

Eu tenho que ficar! Eu estou grávida, o que vai ser do meu filho, do aluguel, de tudo? Quem está há mais tempo pode dar espaço pros outros, o que vai ser de mim?!

GUILHERME

Eu tenho que ficar! Esse é o meu primeiro emprego, nem currículo eu fiz ainda. O sindicalista só quer colocar uns contra os outros, a Laura, essa oferecida, só quer ficar se oferecendo para o patrão, o que vai ser de mim?!

LAURA

Eu tenho que ficar! Eu tenho mais currículo. *Insinua-se com seios, pernas, corpo.* Eu tenho pós, esses nem sabem o que é uma pós, por isso eu tenho que ficar, o que vai ser de mim?!

SINDICALISTA

Vamos nos unir! Esse patrão está querendo rachar a nossa força! Tem trabalho para todos, precisamos procurar nossos direitos, vamos fazer uma GREVE!

CORO

Greve?!!!

Aline coloca um cartaz no pescoço do sindicalista escrito: DESEMPREGADO e dá um pé na bunda do sindicalista, que quase cai na frente do público. Todo o elenco sai em fila indiana, com as lanças na mão esquerda e o punho cerrado, entoando o estrofe da Internacional.

CORO

Senhores patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum.
Façamos, nós quem conquistamos
A terra-mãe, livre e comum.

A luta do camponês contra o Agronegócio

Construção coletiva a partir de experimentos realizados com elencos no Acampamento Nacional da Via Campesina (Brasília – 10/2003), com a turma do curso técnico de agropecuária e desenvolvimento sustentável, na Escola Agrícola Estadual Juvêncio Martins (Unaí – 12/2004), com o Coletivo de Teatro do MST/RS Peça pro povo (Viamão – 01/2005), com a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, em parceria com o CTO (RJ – 02/2005) e com o elenco de teatro da II Oficina de Cultura da Região Centro-Oeste (03/2005).

Personagens:

Camponês

Grande fazendeiro

Juiz – Grande imprensa

Coro do MST

Coro do agronegócio

Policial 1

Policial 2

Fonte pesquisada: Cartilha “O agronegócio X Agricultura familiar e Reforma Agrária”. Brasília: Concrab, 2004.

PRÓLOGO

JUIZ (*dizendo seu texto em gromelô*)

Venham, venham, venham todos! Vamos se aproximando minha gente! Vai começar a luta do ano! A luta mais esperada! Vamos se aproximar! Pode chegar perto que não paga nada! Deste lado do ringue temos um lutador espetacular, a quem muito devemos agradecer e nos orgulhar, o Grande Fazendeiro! Aplausos para ele!

CORO DO AGRONEGÓCIO

Terra, Terra

Nós queremos terra! (2X)

Acumular, acumular, acumular, acumulaaaa

Monopolizar,

Pra poder melhor lucrar (2X)

JUIZ (*mudando o tom de voz, ainda em gromelô*)

E deste outro lado temos o desafiante, um lutador desconhecido, o Camponês.

CORO DO MST

MST! Essa luta é pra valer! (3X)

JUIZ

Ao público Essa luta vai ser fichinha! Façam suas apostas! Vamos começar o massacre, quero dizer, a luta. Se aproximem os dois lutadores. *O coro do agronegócio chama o juiz no canto do ringue e lhe dá dinheiro para suborná-lo. Ele disfarça muito mal e aceita.* Quero que a luta seja limpa, sem nenhum golpe baixo! *Pega a mão do Grande Fazendeiro e atinge o saco do Camponês.*

Congelam após o golpe. O juiz fica com o braço levantado. Entra uma moça com o cartaz “1º assalto: a Cooptação”. Quando a moça sai o juiz abaixa o braço sinalizando o começo da luta.

1º ASSALTO - A COOPTAÇÃO

Os dois se movimentam estudando os passos um do outro. De repente, o Grande Fazendeiro chama o Camponês para uma conversa, que se passa em gromelô e oferece dinheiro para ele. O camponês olha para o dinheiro e desdenha da quantidade, se afasta. O Grande Fazendeiro pega mais dinheiro com sua torcida e faz nova tentativa, e mais uma vez o camponês acha pouco e sai de perto do inimigo. O Grande Fazendeiro pega uma grande quantidade de dinheiro com sua torcida, e dessa vez o Camponês fica espantado com a proposta, ele olha para sua torcida, que o desautoriza a aceitar o dinheiro, e fica visivelmente dividido, mas acaba acatando a voz da maioria. Na quarta vez o Grande Fazendeiro volta com uma quantidade ainda maior de dinheiro, e o Camponês ao ver o volume da proposta passa a ignorar os apelos de sua torcida. Sem olhar para ela começa a pensar alto – em gromelô – olhando para o público e fazendo gestos indicando que seus filhos passam fome, mostrando sua magreza, etc. Faz um movimento mostrando que vai aceitar. Quando ele se vira para comunicar a decisão ao Grande Fazendeiro, que estava já preparando um soco em câmera lenta, leva um murro. Toca o sino, indicando o fim do primeiro assalto.

JUIZ (em gromelô)

Fim do primeiro assalto! Com vitória para nosso grande lutador! *Uma atriz sai do coro e desfila até o Grande Fazendeiro, carregando uma seringa gigante, onde está escrito “Randap”. O juiz chama a atenção para ela, que aplica a seringa no Grande Fazendeiro, como se fosse um anabolizante. Durante o intervalo o glorioso Grande Fazendeiro se fortalece com Randap, o agrotóxico dos grandes fazendeiros! Vamos direto para o segundo assalto, sem descanso, pra não perdermos tempo, pois o nosso negócio é assaltar o camponês.*

A cena fica congelada e entra a moça com o cartaz “2º Assalto: a verdade”.

2º ASSALTO - A VERDADE

CORO DO AGRONEGÓCIO

O Agronegócio é o responsável por 30% das exportações brasileiras. *O Grande Fazendeiro acerta um golpe.*

CORO DO MST

Monocultura! *O Camponês acerta um golpe.* Desemprego! *O Camponês acerta outro golpe.* Depredação da natureza: *mais um golpe* são as conseqüências do agronegócio. *Último golpe.*

CORO DO AGRONEGÓCIO

Mas que ousadia! O agronegócio é o responsável pelo progresso do país. E, além disso, é um grande empregador! *Ao final da frase os atores do coro ofertam nova quantidade de dinheiro como suborno ao juiz, e ele aceita. Enquanto o coro diz a frase, o Grande Fazendeiro arma um soco, em câmera lenta.*

CORO DO MST

Mentira! *O Camponês se esquiva e contra-ataca com um soco.* As pequenas unidades são responsáveis por 87% da mão-de-obra do campo. *A cada alimento o Camponês acerta um soco no Grande Fazendeiro. À medida que os alimentos são mencionados, uma imagem gigante de cada – com o dado percentual – é erguida sobre os lutadores, sustentada por um membro do coro do MST, por meio de uma haste de madeira.* Por mais de 70% da produção de tomate, feijão, leite. Por mais de 80% da produção de aves, suínos, banana. Mais de 90% da produção de uva, mandioca. Quer mais?!

GRANDE FAZENDEIRO *(em gromelô)*

Não! Pára! Pára! Não agüento mais! *Desmaia.*

O Grande Fazendeiro é sustentado por membros de sua torcida. O juiz chama os lutadores até o centro do ringue, segura as mãos dos dois e faz o gesto de que vai anunciar o vencedor. Congelam. Entra a moça com o cartaz “Veredicto: a mentira”.

VEREDICTO - A MENTIRA

JUIZ *(em gromelô)*

Tenho o orgulho de declarar como vencedor dessa grande batalha, o nosso querido Grande Fazendeiro!

O Juiz segura o Grande Fazendeiro, que continua desmaiado. O Camponês protesta. Ele discute com o juiz, ambos em gromelô. Num determinado momento, quando o juiz já está irritado por ser acusado de ladrão, ele levanta a mão para protestar, o sinal é a deixa para o coro de sua torcida.

CORO DO AGRONEGÓCIO

Isso prova que Reforma Agrária é caso de justiça!

Barulho de sirene. Entram dois policiais. Olham para o Camponês e depois para o juiz, que autoriza, com um gesto, os policiais a prenderem o Camponês. Eles o colocam em posição de baculejo, o agridem com chutes e socos, e depois o carregam para o fundo da cena, com o Camponês gritando e esperneando.

Os dois coros se juntam em meia lua. Quando os policiais e o Camponês voltam, agradecem e puxam gritos de ordem.

PRIMEIRO PUXADOR

Reforma Agrária quando?

CORO

Já!

PRIMEIRO PUXADOR

Quando?

CORO

Já!

SEGUNDO PUXADOR

Enquanto o latifúndio quer guerra.

CORO

Nós queremos terra! (3X)

TERCEIRO PUXADOR

Reforma Agrária!

CORO

Por um Brasil sem latifúndio! (3X)

Referência bibliográfica

Relação de trabalhos acadêmicos, artigos e entrevistas sobre a experiência da Brigada Patativa do Assaré e do Coletivo de Cultura do MST:

BETTI, Maria Sílvia . : **A força da mobilização** . Reportagem (Belo Horizonte), v. 80, p. 104-109, 2006.

BOAL, Augusto. **No palco, soluções para a vida real**. Entrevista concedida a Nestor Cozetti. São Paulo: Jornal Brasil de Fato, ano 3, nº 141, novembro de 2005.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. São Paulo: Incra/ Pronera/Iterra – Caderno de Formação nº 34, 2000.

COLETIVO da Tribo de Atuadores ÓI Nóis Aqui Traveiz. **Teatro popular, território e movimento**. São Paulo: Jornal Sem Terra, ano XXIV, nº 258, dezembro de 2005.

COLETIVO Nacional de Cultura do MST. **Caderno das Artes nº 01: Teatro**. São Paulo: MST, 2005.

_____. **Agitprop e MST**: considerações sobre a práxis da agitação e propaganda. Brasília: 2005, mimeo.

_____. **Teatro e Reforma Agrária**: a inserção do Teatro do Oprimido no MST. Brasília, 2005, mimeo.

_____. **Ensaio sobre Arte e Cultura na Formação**. Rede Cultural da Terra – caderno das artes. São Paulo: Anca, 2005.

ESTEVAM, Douglas. **Trajatória de uma estética política do**

teatro. Texto publicado na página www.mst.org.br no dia 02 de dezembro de 2005.

_____. **Cultura, política e participação popular.** São Paulo, 2006, Livro Interativo da Teia, Editora Cultura em Ação, 2007.

FARIA, Glauco; SOARES, Nicolau. **Um outro MST.** São Paulo: Revista Fórum, nº 27, junho de 2005.

GOMES, Cristiane. **Sem-terra ocupam palco do Arena.** São Paulo: Jornal Brasil de Fato, ano 3, nº 145, dezembro de 2005.

JORNAL SEM TERRA. **Teatro para além dos palcos.** Ano XXV, nº 271, abril de 2007.

MITTELMAN, Tania. **A arte no Coletivo de Cultura do MST (1996-2006).** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF – Curso de Pós-Graduação em História, 2006.

NÓBREGA, Márcia. **Peça pra falar, palco pra ocupar: encontros entre o MST e o teatro.** Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006. Monografia de conclusão de curso de graduação.

RICIÉRI, Daniele; GARCIA, Maria Cecília. **O exemplo da ação teatral no MST.** São Paulo: Jornal O Sarrafo, nº 8, dezembro de 2005.

SILVA, Alessandra. **Arte e cultura na transformação do**

indivíduo. *In* Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: ano XXVI, nº 275, agosto de 2007.

SILVA, Lidiane Aparecida da. **Teatro no MST:** a construção de um instrumento de formação e transformação. São Paulo: Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2005. Dissertação apresentada como requisito para conclusão do curso de pós-graduação *latu-sensu* em educação e desenvolvimento do campo.

SILVA, Maria Aparecida da. **O papel do teatro na organização dos jovens do Assentamento Carlos Lamarca (SP).** Veranópolis: Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra) e Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), 2004. Monografia de conclusão de curso de ensino médio com especialização em comunicação popular.

VIA CAMPESINA, Coletivo de Comunicação, Cultura e Juventude da. **Agitação e propaganda no processo de transformação social.** São Paulo, 2007.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **Sem Terra identificam suas lutas em experiências teatrais do MST.** Texto publicado na página www.mst.org.br no dia 27 de julho de 2006.

_____. **Conflito agrário brasileiro:** três formas de representação e intervenção. Brasília, 2006, mimeo.

_____. **Conexões em cena:** a luta pela terra em dois momentos do teatro brasileiro. Brasília, 2006, mimeo.

O combate à ideologia dominante faz parte dos nossos processos de luta contra a dominação. Para além dos desenvolvidos nas lutas mais imediatas de enfrentamento do latifúndio e do agronegócio que se traduzem na força da organização, o MST já desenvolve há alguns anos a luta mais sistematizada na frente cultural. Este livro dá conta da experiência de luta na frente teatral, da organização das brigadas de teatro e das suas pautas específicas, escrevendo mais um capítulo da luta do MST na trincheira ideológica.



Ministério
da Cultura

